

PERSONAGENS DO FUTEBOL ACREANO



**POR FRANCISCO DANDÃO,
MANOEL FAÇANHA E
AUGUSTO DINIZ**

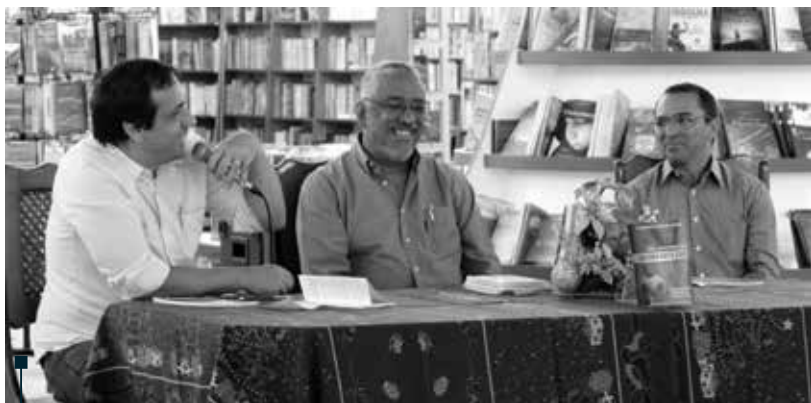
Apresentação

Falar de futebol é fácil. Ainda mais para torcedores apaixonados, cronistas inflexíveis nas suas opiniões e admiradores tenazes pelo esporte. Difícil é ouvir com apurada atenção seus principais protagonistas sobre o que pensam do assunto.

Com o objetivo de dar vozes às personalidades que fazem a bola rolar, este livro apresenta entrevistas e reportagens com jogadores, ex-jogadores, técnicos e dirigentes. A manifestação de cada um, todos acreanos ou com fortes raízes no Estado, se dá em momentos diferentes, mas marcantes da história recente.

Publicado na imprensa, o material reunido na obra se configura como importante documento de profissionais zelosos em transformar os acontecimentos nos gramados em um espetáculo, acima de tudo, para quem assiste - até mesmo àqueles menos afeitos a entender as alegrias e tristezas, pressões e prazeres envolvidos no dia a dia dos construtores da maior paixão nacional.

Francisco Dandão, Augusto Diniz e Manoel Façanha, experientes jornalistas, assinam os diversos artigos publicados aqui. Um registro valioso dos grandes “Personagens do Futebol Acreano”.



Os cronistas esportivos Augusto Diniz, Francisco Dandão e Manoel Façanha durante lançamento do livro “Três cronistas na grandearea.com”



Pinheiro, Francisco de Moura / Tavares Neto, Manoel Façanha/
Nogueira Diniz, José Augusto

Personagens do Futebol Acreano / Pinheiro, Francisco de Moura
/ Tavares Neto, Manoel Façanha/ Nogueira Diniz, José Augusto -
Rio Branco, AC: M. M. Paim, 2014.

108 p.

ISBN xxxxxxxxxxxxxxxxx

1. Entrevistas. 2. Memórias. 3. Futebol. - 1. Título

CDD 790

ÍNDICE

Ariosto Miguéis	6
Merica	11
Ulisses Torres	16
Mário Vieira	21
Aquino Lopes	25
Tadeu	35
Vianna	39
Tião Araújo	43
Auzemir Martins E Sua Passagem Pela China	48
Humildade: A Arma De Papelim	52
Testinha Não Desiste Nunca	57
Tangará: Um Craque No Estaleiro	62
Ico: Um Guerreiro Acreano Em Terras Lusas	66
Pitiú: Último Ídolo Do Tricolor	70
Ciro: O Imperador Da Fazendinha	74
Josy Braz Busca Seu Espaço	78
João Carlos Cavallo	81
Futebol Na Terra De Chico Mendes	85
Illimani Soares	89
Weverton	93
Ancelmo	98
Álvaro Miguéis	102

Ariosto Miguéis

***Ex-treinador de
Andirá, Rio Branco
e Atlético fala da
sua vida no futebol
acreano***

▲ Francisco Dandão

Personagem da história! Depois de alguns minutos ouvindo o cidadão Ariosto Pires Miguéis narrar as suas memórias, é esse o veredicto ao qual se chega: personagem da história! São 78 anos (ele nasceu no dia 27 de agosto de 1935, em Rio Branco) de uma vida cheia de muitos bons e outros nem tanto momentos. Ele até diz que um dia pretende escrever as suas memórias. Mas ainda não reuniu disposição suficiente para tal.

Pra começar, ele é filho de um imigrante português (José Ferreira Miguéis), que veio da Europa, em 1910, para ser marceneiro em Rio Branco, com uma acreana (Onofrina Pires), cujo pai lutou na guerra contra os bolivianos pela anexação do Estado ao Brasil. Depois disso, já na vida adulta, Ariosto deixou a condição de funcionário graduado na administração do Acre para ver-se perseguido pela ditadura militar.

Amigo do governador José Augusto de Araújo, eleito para dirigir os destinos do Acre, em 1962, Ariosto Pires Miguéis, antes do golpe militar de 1964, exerceu, entre outros, os cargos de prefeito de Plácido de Castro, superintendente de Política Agrária do Estado, superintendente do Serviço Rural do Acre, chefe de gabinete da Prefeitura Municipal de Rio Branco (gestão do prefeito Aníbal Miranda) e fiscal de rendas municipais.

No período em que teve seus direitos políticos cassados, porém, quando foi preso duas vezes (uma no quartel do Exército e outra na penitenciária), Ariosto conta que fez de tudo para manter a sobrevivência da família. Exercitando inclusive a insólita ocupação de profissional de baralho. Diz que ganhou muito dinheiro jogando pôquer e que só deixou de jogar quando conseguiu a representação de uma editora de revistas.

Para efeito desta matéria, entretanto, enquanto o livro de memórias do Ariosto não sai da imaginação, o que mais interessa é a sua passagem pelo mundo do futebol, quando foi dirigente e técnico do Andirá (primeiros anos da década de 1970), na época sob a proteção da família Dantas (proprietários de seringais e políticos), e depois, sucessivamente, técnico do Rio Branco (1974 e 1975) e do Atlético Acreano (1981 e 1982).

Leia a seguir os principais trechos do depoimento dele, a partir dos meus questionamentos.

Francisco Dandão – Fale do seu envolvimento com o futebol.

Ariosto Miguéis – Eu comecei a minha vida esportiva, ainda adolescente, jogando como meia-atacante num time aqui do segundo distrito da cidade. Um time chamado Boulevard. Depois fundaram o América, em substituição ao Boulevard. Aí eu fui para o Rio Branco, que era dirigido pelo técnico Walter Félix de Souza, o Té. Acontece que o Té só gostava de jogador maduro e me escalou na ponta esquerda. Daí, como eu não gostava de jogar nessa posição, fui para o juvenil do América, onde fui campeão em 1949 e em 1950. Em 1952 eu fui estudar no Rio de Janeiro e então passei um período treinando no Fluminense, cujo técnico era



FOTO: FRANCISCO DANDÃO

Ex-técnico Ariosto Miguéis exhibe a camisa do Andirá de 1973





Atlético Acreano - 1982. Em pé, da esquerda para a direita: Ariosto Miguéis (técnico), Lécio, Jaime, Gilmar, Pompeu, Targino e Gilvan (preparador físico). Agachados: Neivo, Valdir, Manoelzinho, Pitu e Chiquinho



o Gradim, que novamente, assim como fizera o Té, me botou para treinar como ponteiro-esquerdo. Mas aí surgiu uma atividade pra mim. Eu era encarregado de ir ao aeroporto buscar doentes que iam de Rio Branco para o Rio de Janeiro em busca de tratamento médico. Como era uma atividade remunerada, e no Fluminense eu não ganhava nada, aí eu preferi largar momentaneamente a bola. Depois disso eu passei um período em Porto Velho, onde joguei num clube chamado Vasco da Gama, exercendo, paralelamente, a função de dirigente. Foi aí que eu me iniciei como técnico de futebol.

Francisco Dandão – A sua chegada ao Andirá, como e quando foi que isso aconteceu?

Ariosto Miguéis – Ao Andirá eu cheguei em 1972. Eu havia passado um período na Europa, fugindo da repressão militar, e quando voltei ao Acre, que foi quando eu comecei a mexer com bancas de revista, fiz amizade com o Tião Dantas, irmão do governador Wanderley Dantas, o Dantinha. Este, por sua vez, também havia sido meu amigo antes de assumir esse cargo. Depois que ele foi nomeado governador, ele me chamou para trabalhar com ele, mas eu não aceitei. Aí ele passou a me perseguir. Para terminar essa perseguição, eu passei a acompanhar o Andirá, que era o time dele. Foi quando o Tião me chamou para ser supervisor do time. O Tião acreditava que, dessa forma, o Dantinha ia acabar com os problemas comigo. E isso de fato aconteceu, sendo que um tempo depois eu assumi também o cargo de técnico, oportunidade em que procurei implantar os conhecimentos que eu adquiri, tanto no Brasil quanto na Europa, onde tive a oportunidade de ver em ação os grandes jogadores da época.

Francisco Dandão – Que Andirá era aquele da sua época?

Ariosto Miguéis – O Andirá enfrentava duas grandes máquinas de jogar futebol: o Juventus e o Independência. Esses foram os melhores times que eu vi aqui, só comparáveis ao Rio Branco dos tempos áureos, na década de 1950, quando jogava no Estrelão gente do porte do Dudu, do Touca, do Elínio, do Orseti, do Sepetiba, do Jaime de Almeida etc. Para enfrentar esquadrões tão poderosos, eu tive que montar um sistema de defesa com cinco zagueiros. Só assim para conseguir bons resultados. Tanto que aquelas máquinas de jogar futebol só ganhavam da gente com gols de pênalti. Ou então com ajuda dos juizes. Tinha dois juizes aqui que eu não os esqueço, porque eles jamais deixavam o Andirá ganhar: o Antônio Soares e o José Ribamar. Esses dois eram danados.

Francisco Dandão – Sobre a sua passagem como treinador do Rio Branco... Como é que foi isso?

Ariosto Miguéis – Eu fui para o Rio Branco em 1974, a convite do dirigente Sebastião Alencar. Dessa minha passagem pelo Estrelão, eu guardo uma boa recordação de um torneio disputado no Peru, onde nós ganhamos de todo mundo. Ganhamos de três times: uma seleção regional peruana, uma seleção de Pando [Bolívia] e um time da cidade de Maldonado [Peru]. No último jogo, o show foi tão grande que lá pelas tantas, quando nós já estávamos ganhando por quatro a zero, o prefeito de lá me pediu pra gente dar uma segurada. E assim foi feito. No segundo tempo, eu falei pra rapaziada só tocar a bola até o fim do jogo. O que não foi legal, que não me deixou passar mais tempo no comando do time, foi a interferência de alguns dirigentes, principalmente do vice-presidente Edmir Gadelha, que ficava dando palpite no esquema de jogo. Aí eu fiquei de saco cheio, entreguei o cargo e fui embora pra casa.

Francisco Dandão – E quanto ao Atlético, Ariosto, fale do seu tempo no Galo.

Ariosto Miguéis – Fui para o Atlético em 1981, a convite do diretor Wagner Farias, com a anuência do presidente Adauto Frota. Como eu já havia

FOTO: ACERVO ARIOSTO MIGUÉIS



Ariosto Miguéis, no início da década de 1960, sendo empossado no cargo de superintendente de Política Agrária do Estado



tido uma experiência ruim com os dirigentes do Rio Branco, disse pra eles que só aceitava se não houvesse palpite nenhum da parte deles na escalação nem nos meus métodos de trabalho à frente da equipe. Disse pra eles que dentro do campo quem mandava era eu. Eles aceitaram e cumpriram o prometido de jamais interferir no meu trabalho. No primeiro ano nós só não fomos campeões porque eu tive que me ausentar da cidade para resolver um negócio no Rio de Janeiro. Deixei o time entregue a um auxiliar e aí a coisa desandou. No segundo ano, 1982, disputei inclusive um Copão da Amazônia com o Galo. E só não chegamos ao título porque ficamos atrás do Juventus no saldo de gols. Perdemos um monte de gols no jogo contra o Independente, do Amapá, e isso fez falta na hora da decisão.

Francisco Dandão – A respeito do futebol acreano do presente, qual a sua opinião?

Ariosto Miguéis – O futebol acreano já esteve melhor. No momento está com problemas. Teve um declínio nos dois últimos anos. Na minha concepção, a maneira de voltar a ser forte passa pela formação de jogadores. É preciso cuidar da base. A solução para voltar aos melhores dias está nas categorias menores.

Francisco Dandão – Os grandes jogadores do futebol acreano... Quais os maiores que você viu em ação? Escale a sua seleção com os melhores de todos os tempos em nível local.

Ariosto Miguéis – Eu vi grandes jogadores aqui. Craques que poderiam, tranquilamente, jogar em qualquer time do país. Mas, de maneira objetiva, para ir direto ao ponto da sua pergunta, a minha seleção acreana de todos os tempos, num esquema 4-3-3, para contemplar mais atacantes, formaria com Ilzomar; Mauro, Mozarino, Curica e Antônio Leó; Boá, Cidico e Dadão; Manoelzinho, Touca e Dudu. Grandes jogadores, todos esses!

Francisco Dandão – Dirigentes e técnicos, Ariosto, quais os melhores que você considera na história do futebol acreano?

Ariosto Miguéis – Dirigente, no meu entender, o melhor chama-se Sebastião Alencar. Não digo do ponto de vista das realizações sociais. Mas no que diz respeito ao futebol, o Alencar foi o melhor de todos. E quanto ao técnico, pra mim não houve ninguém melhor do que o Té. Esse conhecia tudo, armava um time como ninguém. O Té estava acima de todos. Mas também posso citar o Elder Fuzarca. Teoricamente, o Fuzarca sabia demais.

Francisco Dandão – Por último, eu gostaria de saber a sua opinião sobre o treinador Álvaro Miguéis, seu filho, que atualmente dirige o Rio Branco.

Ariosto Miguéis – Da nova safra que apareceu no futebol acreano, ele é o melhor treinador. Isso eu analiso criticamente, independente da condição de filho. Ele é estudioso, sabe orientar o time, ensaiar jogadas... O Álvaro faz o que poucos fazem. Acho até que ele aprendeu isso comigo [sorrindo]. Não vejo nenhum técnico acreano atualmente com as características do Álvaro.

(Publicada no jornal O Rio Branco - 30 de janeiro de 2014)



Merica

***Um carioca
andarilho da bola
que escolheu o
Acre como lugar
do coração***

▲ Francisco Dandão

A vida de boleiro do cidadão Carlos Roberto de Oliveira começou aos 17 anos, em 1979, nos juvenis do Volta Redonda (RJ), principal time da sua cidade natal. Já ali, no primeiro contato com os seus companheiros de fantasia, o referido personagem deixaria o nome de batismo para trás e passaria a se chamar Merica, volante pegador e de um pulmão privilegiado.



Independência - 1988. Em pé, da esquerda para a direita: Sabino, César, Chinha, Klowsbey, Merica e Paulão. Agachados: Venícius, Mariceudo, Paulinho, Siqueira e Antônio Júlio



As boas atuações de Merica no Volta Redonda o levaram a se mudar para o poderoso Vasco da Gama, em 1981. O “Voltaço” se encontrava em dificuldades financeiras, sem dinheiro sequer para honrar a folha de pagamento. Era a oportunidade que o time de São Januário queria para comprar dois jovens talentos: o volante Merica e o ponteiro Zé Luís.

A passagem de Merica pelo Vasco, entretanto, não durou muito tempo. Havia uma concorrência feroz na equipe principal. O jeito foi aceitar um empréstimo para algum time de fora do Rio de Janeiro, para “ganhar experiência”. Foi nessa hora, em 1982, que o destino apontou o rumo norte do país na vida de Merica e ele foi parar em Porto Velho (RO).

Na capital rondoniense Merica ficou durante dois anos, jogando sucessivamente pelo Ferroviário e pelo Ipiranga. Em 1983, disputando o Copão da Amazônia pelo Ipiranga, teve atuações tão destacadas que chamou a atenção do presidente do Rio Branco, empresário Wilson Barbosa. Veio, então, a sua mudança para o Acre, onde permanece até hoje.

MUITAS CAMISAS E UMA PAIXÃO

Ao se mudar para o Acre, o volante Merica iniciou uma “dança de camisas” intensa até o fim da carreira, aos 37 anos, em 1998, no Vasco local. Do Rio Branco, em 1984, passou para o Independência (1985), voltou para o Rio Branco (1986 e 1987), foi outra vez para o Independência (1988) e mais uma vez assinou com o Rio Branco (1989 a 1992).

Em 1993 Merica foi contratado pelo Rio Negro, do Amazonas, depois de fazer um gol do meio do campo num jogo entre Rio Branco e Nacional, em pleno estádio Vivaldo Lima. “Nós ganhamos do Nacional por um a zero, com um gol meu, do meio da rua. Um gol que nem o Pelé fez. Isso me rendeu um belo contrato com o Rio Negro”, disse o ex-craque.

Ainda em 1993, logo depois de encerrado o campeonato amazonense, Merica migrou para o Rio Grande do Sul. Foi defender o Aimoré. “Essa também foi uma passagem rápida. Eu fui levado por um técnico que me conhecia do último ano em que havia jogado no Estrelão. Mas no fim do contrato bateu a saudade e eu voltei para o Acre”, explicou.

Esse retorno de Merica ao Acre seria definitivo. “Depois de passar um tempo fora, eu percebi que aqui era o meu lugar. Embora eu tenha nascido no Rio de Janeiro, eu já havia me apaixonado pelo Acre”, afirmou ele. Voltou e ainda vestiu as camisas do Juventus (1994), Rio Branco (1995), Atlético (1996), Ariquemes (RO - 1997) e Vasco (1998).

JOGO INESQUECÍVEL E LISTA DOS MELHORES

Apesar de já ter se passado 16 anos desde que resolveu pendurar as chuteiras, Merica guarda na memória muitos detalhes da sua passagem pelo mundo da bola, além de vários lances protagonizados pelos grandes jogadores do futebol acreano da sua época. Ele fala desses detalhes, bem como dos antigos parceiros, como se tudo houvesse acabado de acontecer.

“Em Macapá, disputando o Copão da Amazônia de 1984, jogando contra o Trem, time da casa, a barra foi tão pesada que a Polícia Militar de lá chegou a soltar um cachorro no campo para morder os nossos jogadores. Mas não teve essa não. Nós ganhamos deles e depois faturamos o título para o Rio Branco. Eu nunca vou esquecer esse episódio”, afirmou Merica.

FOTO: ACERVO MERICA



Rio Branco - 1991. Em pé, da esquerda para a direita: Chicão, Ilzomar, Gerson, Gilmar, Ney e Carlinhos Magno. Agachados: Jamerson, Cangerê, Venício, Siqueira e Merica



“Quanto aos melhores jogadores do meu tempo, eu poderia escalar uns três times com gente de ótima qualidade. Um desses times formaria com Klowsbey; Jefferson, Neérico, Chicão e Carlinhos Magno; Mariceudo, Carlinhos Bonamigo e Carioca; Robertinho, Gil e Neivo. Esse time, sob a direção do técnico Tê, seria quase imbatível”, garantiu o personagem.

No final das contas, de acordo com o aposentado atleta, a bola lhe deu mais alegrias do que tristezas. “Por meio do futebol eu fui muito feliz, ganhei títulos, fiz amizades e não posso me queixar de nada. Só lamento que depois que a bola acaba a gente se perde dos amigos. Faz tempo que eu não vejo muitos dos antigos parceiros dos gramados”, disse Merica.

SONHOS DE FUTURO INCLUEM POLÍTICA E GASTRONOMIA

Duas vezes candidato derrotado a uma vaga na Câmara Municipal de Rio Branco (eleições de 2008 e 2012), Merica disse que vai continuar tentando ser um representante do povo em alguma casa legislativa. O ex-craque até se candidatou a deputado estadual nas eleições deste ano, mas a sua candidatura foi invalidada por um problema com a legislação eleitoral.

“O que aconteceu foi que eu fui candidato a vereador pelo Partido Traba-

FOTO: ACERVO CHICÃO ARAÚJO



Vasco da Gama - 1998. Em pé, da esquerda para a direita: Ben Johnson, Élisson, Chicão, Carlinhos e Carlinhos Magno. Agachados: Michel, Juscelâneo, Nadson, Ricardinho, Mamude e Merica



lhista Brasileiro (PTB) e, depois disso, mudei para o Partido Pátria Livre (PPL). Só que não fiz essa mudança a tempo de atender a legislação. Mas nada que possa me fazer desanimar. Em 2016, eu vou tentar outra vez. E agora, se Deus quiser e com os apoios certos, para ganhar”, disse Merica.

Sobre os seus motivos de se tornar vereador ou deputado estadual, Merica explicou que sempre gostou de trabalhar pelo e com o povo. “Eu gosto de estar no meio da galera. Eu acho que essa paixão vem do tempo do futebol. Eu gosto tanto que já fiz até trabalho voluntário, num bairro periférico de Rio Branco, só pelo prazer de ajudar as pessoas”, garantiu.

Fora essa vontade de chegar ao parlamento, Merica externou mais um sonho para o seu futuro imediato: o de abrir um pequeno restaurante. “Eu sempre gostei de gastronomia. Aprendi a cozinhar ainda na adolescência, com a minha mãe. Faço de tudo numa cozinha. Acho que eu me daria bem no ramo. Só preciso arranjar um ponto”, finalizou ele.



Merica aos 54 anos



(Publicada no jornal O Rio Branco - 23 de novembro de 2014)

Ulisses Torres

Apaixonado por futebol, técnico do Juventus fala da própria carreira e diz que não poderia viver sem a bola

▲ Francisco Dandão

Acreano de Cruzeiro do Sul (veio para Rio Branco em 1975), 41 anos (23.11.1966), o técnico Ulisses Antun Torres de Melo é uma dessas pessoas que respiram futebol 24 horas por dia. E isso desde os 11 anos, quando vestiu pela primeira vez a camisa de um clube de futebol, no caso o infantil do Juventus, sob o comando do professor Jesus Lima. “Na minha primeira lembrança já existia uma bola de futebol”, garantiu Ulisses.

Depois do Juventus, Ulisses vestiu muitas camisas como jogador de futebol: Rio Branco (infantil, em 1978, e adulto em 1987 e 1992); Teresópolis, do Estado do Rio de Janeiro (juvenil, de 1982 a 1985); América e Enterrriense, ambos do Rio de Janeiro (júnior, no primeiro, e adulto, no segundo, em 1986); Barra, do Rio de Janeiro (segundo semestre de 1993); e Juventus, em 1995, quando parou de jogar, aos 28 anos.

Mas o melhor da carreira do atleta Ulisses foi um convite para jogar no Flamengo (RJ), o que só não aconteceu por uma fatalidade. O convite veio depois de um treino da seleção brasileira que se preparava para a Copa de 1994. Ulisses e mais dois jogadores do Barra foram convocados para treinar no time B do Brasil. Um dirigente do Flamengo gostou do atacante cabeludinho e daí para o convite foi só um instante. Três dias depois, porém, ele se contundiu gravemente no joelho direito e o sonho se esvaiu.

Entre um clube e outro como atleta consagrado, um chute de efeito aqui, um gol acolá, Ulisses Antun Torres de Melo ainda achou tempo para cursar uma graduação em Educação Física e uma especialização em Treinamento Físico-Desportivo (ambas em Batatais - SP). A união da paixão pela bola com a prática e com o conhecimento teórico não poderia resultar em outra coisa que não fosse o exercício profissional como técnico de futebol, carreira que começou em 1997, no Vasco da Gama local.

De 1997 até hoje, Ulisses Torres dirigiu quatro equipes: Vasco da Gama (1997, 1999 e 2007); Batatais (2001 e 2002); Rio Branco (início de 2003) e Juventus (2004, 2005 e 2008). E dirigiu também as divisões de base do Andirá, em 2006. Título estadual, somente um: no Vasco de 1999. No Batatais, ficou em sexto lugar entre 16 participantes, na série B1 do campeonato paulista de 2001. No Rio Branco rescindiu contrato após ser desclassificado da Copa do Brasil pelo CFA, de Rondônia. Agora, no Juventus, a esperança é a de colher os melhores frutos, uma vez que o atual projeto da diretoria juventina prevê resultados dentro de três anos.

Estudioso do futebol como poucos técnicos que já passaram pelo Acre, devorador de livros sobre estratégia e tática desse esporte, membro da Associação Brasileira de Treinadores de Futebol (ABTF), frequentador assíduo de cursos de atualização em treinamento desportivo, Ulisses Torres largou seus múltiplos afazeres e se dispôs a me conceder uma entrevista no meio dessa semana que passou. Nas linhas que se seguem, uma síntese das respostas dele.

Francisco Dandão - Diga-me, Ulisses, para começo de conversa, o que representa o futebol na sua vida?

Ulisses Torres - O futebol é uma coisa que preenche a minha vida. Não tem nada que possa substituí-lo, talvez nem mesmo a família. Na verdade, futebol e família são sentimentos diferentes, que se completam. Eu preciso dos dois para viver feliz. O futebol é a minha própria vida. Em 2006, antes de eu ser convidado para dirigir as divisões de base do Andirá, me deu uma certa angústia porque naquele momento não estava aparecendo convite nenhum. Até que apareceu o



Rio Branco - 1992. Em pé, da esquerda para a direita: Jorai (preparador físico), Klowsbey, Carlos, Evandro, Merica, Jorge Cubu, Chicão, Paulo Roberto (técnico) e Sebastião Alencar (presidente). Agachados: Cláudio, Ulisses Torres, Siqueira, Paulo Henrique e Jamerson



Andirá, o que acabou me dando muito prazer, pela oportunidade de trabalhar com garotos e ajudar na formação deles, não só como atletas, mas também como homens. Muitos daqueles garotos, inclusive, foram para o Independência, fizeram uma brilhante campanha na Taça São Paulo de Juniores deste ano de 2008, e estão agora no profissional do Tricolor.

Francisco Dandão - E sobre técnicos, em quem você considera que se espelha para exercer o ofício?

Ulisses Torres - Eu andei estudando muito sobre o trabalho do Telê Santana, no São Paulo, o resgate que ele fez na equipe paulista quando o time estava em baixa, no começo da década de 1990, que culminou com dois títulos mundiais. O outro treinador em quem eu procuro me espelhar é o Wanderley Luxemburgo, que é um técnico que passa segurança para os jogadores e para quem assiste as suas preleções ou palestras. Eu, que sempre vou a um encontro anual de treinadores, promovido no Rio de Janeiro pelo Carlos Alberto Parreira, fico sempre maravilhado com o que diz o Wanderley Luxemburgo. Ele é um grande treinador, um modelo a ser seguido. Penso que ele é um dos melhores de todos os tempos no Brasil. E tem um sujeito, que não tem nada a ver com o futebol, mas que eu tenho a maior admiração, que é o Bernardinho, técnico da seleção de voleibol.

Francisco Dandão - Sobre os seus tempos de jogador, quais são as suas melhores lembranças?

Ulisses Torres - Quando eu jogava no infantil do Rio Branco, numa partida contra o Escuela Trinidad, da Bolívia, aqui no estádio José de Melo, eu estava no banco porque não tinha podido ir a Cobija, na partida anterior, quando perdemos para eles.

Então, eu entrei aqui no segundo tempo, quando o jogo estava 1 a 1. Entrei e marquei o gol da vitória. Mas o detalhe legal, inesquecível mesmo, foi o que aconteceu depois. Eu soube que o Caíca, que era o ponteiro-esquerdo do time principal, e que estava internado num hospital local, ele ouvia o jogo pelo rádio e teria dito que quando eu entrasse faria o gol da vitória. Isso me emocionou profundamente, a ponto de jamais sair da minha lembrança. Outra coisa foi uma eleição que fizeram em Teresópolis, para eleger os melhores jogadores locais de todos os tempos. E eu fui um dos mais votados. Isso me marcou profundamente. Claro que os títulos que a gente ganha também são muito importantes....

Francisco Dandão - Esse futebol que se joga hoje no Acre, Ulisses, que futebol é esse?

Ulisses Torres - Eu penso que não somente no Acre, mas no Brasil como um todo, deveria haver uma preocupação maior dos dirigentes no sentido de se prepararem melhor para o exercício da função. Se isso acontecer, no dia em que os dirigentes forem mais preparados e menos passionais, o futebol irá melhorar sensivelmente. Na vida moderna, numa era de informação e tecnologia, não é mais possível alguém se engajar, seja na vida pública ou privada, de forma amadora. Além disso, é preciso criar uma boa infraestrutura fora do campo. Hoje, por exemplo, no Acre, provavelmente seria muito mais difícil fazer futebol, talvez até impossível, se não fosse essa ajuda do Governo do Estado. Aliás, para efeito de registro, é bom ficar claro que esse convênio dos clubes com o Governo foi uma iniciativa minha com o Tião Bruzugu. Na verdade, a idéia foi dele, Tião, mas depois nós a desenvolvemos juntos. Em 1999, quando nós estávamos no Vasco da Gama, fizemos um projeto para o Governo, que prontamente acatou e cujos fundamentos estão valendo até hoje.

Francisco Dandão - O que esperar desse Juventus que você dirige em 2008?

Ulisses Torres - A minha primeira conversa com essa diretoria do Juventus foi

FOTO: ACERVO ULISSES TORRES



Comissão técnica do Vasco da Gama, em 1999. Da esquerda para a direita: Ulisses Torres, Claudia Malheiros, Som, Celsimar Maciel e Roberto Boca de Cantor





Ullisses Torres
comandando treino
no Juventus



FOTO: ACERVO ULLISSES TORRES



Ullisses Torres e
Telê Santana



para o desenvolvimento de um projeto com a duração de três anos. Pelas nossas projeções, ao final do terceiro ano nós deveríamos estar com uma equipe capaz de ganhar o título estadual. Mas, parece que no processo de formação desse time atual nós acabamos saltando algumas etapas e agora até já pensamos em ganhar o título desse ano mesmo. Certamente ainda cometeremos alguns erros no percurso, mas pensamos que, levando em conta a realidade dos outros times, já estamos em condição de brigar em pé de igualdade com todos pelo título dessa temporada. E até, se for o caso, alcançarmos vôos mais altos, representando o Estado em alguma competição nacional.

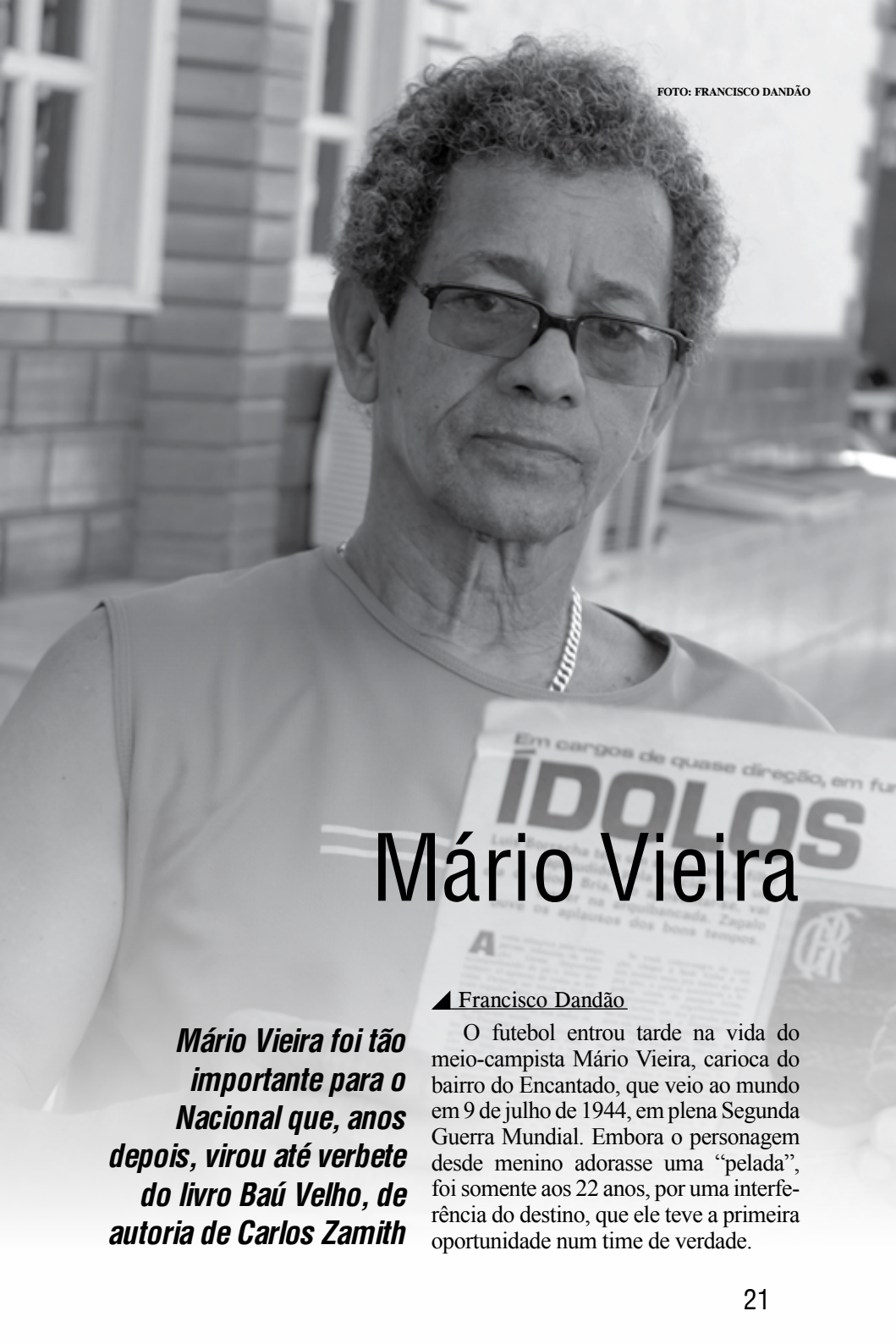
Francisco Dandão - Você sempre acerta quando traz jogadores de fora. Como é que você faz isso?

Ullisses Torres - Primeiro, porque eu passei três anos no interior de São Paulo e, assim, conheço o potencial de muitos jogadores. Não trago só por ouvir falar ou por indicação de empresários desconhecidos. Jamais farei isso. Além disso, eu tenho muitos amigos, tanto na área técnica quanto na área de preparação física, que fazem essa indicação com responsabilidade. Agora tem uma coisa: nunca fui para clube algum que os dirigentes pudessem me dizer para formar o time que eu quisesse. Ao contrário, o que, de modo geral, os dirigentes dizem é que estão no vermelho e que eu devo trabalhar com o possível, não com o desejável. No dia em que eu puder formar o meu time, com carta branca dos dirigentes para contratar os jogadores, certamente poderei garantir o título para o clube em que eu estiver.

Francisco Dandão - Sobre os melhores jogadores que você viu em ação no futebol local, aqueles que jogariam em qualquer lugar do país, que nomes você citaria?

Ullisses Torres - Dadão, que eu vi já nos últimos anos dele como jogador, esse está acima de todos. Mas pode-se citar ainda outros craques fora-de-série. Casos, por exemplo, de Mariceudo, Carlinhos, Emilson, Gil, Mário Vieira, Paulinho, Paulo Henrique, Nérico... Esses todos poderiam jogar em qualquer time do Brasil.

(Publicada no jornal O Rio Branco - 19 de abril de 2008)



Mário Vieira

Mário Vieira foi tão importante para o Nacional que, anos depois, virou até verbete do livro Baú Velho, de autoria de Carlos Zamith

▲ Francisco Dandão

O futebol entrou tarde na vida do meio-campista Mário Vieira, carioca do bairro do Encantado, que veio ao mundo em 9 de julho de 1944, em plena Segunda Guerra Mundial. Embora o personagem desde menino adorasse uma “pelada”, foi somente aos 22 anos, por uma interferência do destino, que ele teve a primeira oportunidade num time de verdade.

Depois de cumprir o serviço militar, ele ganhava a vida como feirante, carregando caixas de legumes e frutas de um lado para o outro. Nem de longe imaginava que seria jogador futebol. Eis que, um dia, o time do bairro foi convidado para um treino contra os profissionais do Madureira. Mário foi junto e marcou os três gols da vitória da sua equipe.

O presidente do Madureira, Natal da Portela (também dirigente da Escola de Samba do mesmo nome), não pensou duas vezes e o contratou na mesma hora. Corria o ano de 1967 e as atuações do ex-feirante no campeonato carioca foram tão boas que despertaram a atenção do poderoso Vasco da Gama. Mário foi para São Januário, onde treinou durante 40 dias.

“Tinha muita gente boa na época. Era muito difícil entrar naquele time. No meio campo jogavam ninguém menos do que o Alcir e o Danilo Menezes. Não tinha vaga pra mim. Mas a estada no Vasco foi por demais benéfica. Por estar lá é que surgiram convites para jogar no Nacional, de Manaus, e no Remo, de Belém. Escolhi o Nacional”, explicou Mário.

FOTO: ACERVO MÁRIO VIEIRA

O SUCESSO NO FUTEBOL AMAZONENSE

Pelo amazonense Nacional, de 1968 a 1972, Mário Vieira viveu os seus melhores anos como profissional de futebol, atuando, ao mesmo tempo, pelo clube e pela seleção estadual, ao lado de craques consagrados como, entre outros, Pedro Hamilton, Rolinha, Zezé, Pretinho, Téo, Heraldo, Berto, Zé Carlos, Bosco Spener, Holanda, Marialvo, Sula e Pepeta.

Mário Vieira foi tão importante para o Nacional que, anos depois, virou até verbete do livro Baú Velho, de autoria de Carlos Zamith. De acordo com o autor, “Mário formou com Rolinha uma das melhores duplas do meio campo do futebol amazonense”. Tanto que, lá pelas tantas, dada a sua desenvoltura em campo, ganhou o apelido de “Motorzinho do Naça”.

Em 1973, depois de cinco anos longe de casa, Mário resol-



Mário Vieira com a camisa do Madureira (RJ), em 1967





Mário Vieira defendendo o Nacional (AM) contra a Rodoviária (AM), no início da década de 1970



veu voltar para o Rio de Janeiro, onde passou algumas semanas treinando no América. Nesse período, recebeu uma proposta do Santa Cruz, de Recife, dirigido pelo experiente treinador Paulo Emílio. Mas o Rio Negro, de Manaus, foi mais rápido, comprando o seu passe que ainda pertencia ao Nacional.

Mas o Rio Negro acabou não sendo um capítulo feliz na vida do “Motorzinho”. Mário, depois de uns poucos meses e quase nenhuma partida, acabou se desentendendo com o técnico Décio Leal e resolveu que deveria parar com a bola por algum tempo. Ficou mais de um ano sem jogar profissionalmente, vivendo de economias e do aluguel de um táxi.

A VINDA PARA O ACRE

Em 1975, indicado pelo amigo e também jogador Tadeu Belém, Mário Vieira chegou ao Acre, para defender o Rio Branco, onde permaneceu até pendurar as chuteiras, em 1980. “Para jogar no Rio Branco, eu recusei uma proposta do Nacional e um convite para fazer testes no Clube do Remo. A oferta do Rio Branco era bem melhor”, afirmou Mário.

“Larguei a bola aos 35 anos, mas ainda em forma, que eu sempre me cuidei muito bem. Só parei porque cheguei ao Rio Branco um técnico chamado Ticão que, mesmo sem me dizer nada, demonstrou com atitudes de indiferença, que não queria contar com o meu futebol. Como para bom entendedor basta um gesto, tratei de cair fora”, explicou o Motorzinho.



Nacional - 1972. Da esquerda para a direita: Edson Borracha, Antônio Piola, Fausto, Mário, Jurandir e Almir. Agachados: Ismael, Laci, Walmir, Jorginho e Reis



Depois de parar definitivamente com a bola, Mário virou funcionário público, primeiro como chefe de transportes da Secretaria Municipal de Serviços Urbanos (Semsur), levado pelo diretor Xavier Maia, depois como fiscal de tributos, nomeado pelo prefeito Adalberto Aragão. Ainda na ativa, o “Motorzinho” se aposentará em 2014, no dia em que completar 70 anos.

Mas não foram apenas as atividades como funcionário público que ocuparam o tempo dele depois de ele parar de jogar futebol. Mário também teve uma passagem vitoriosa como técnico do Juventus (campeão estadual de 1989) e da Teleacre (campeão brasileiro de 1982). E além destes, ele treinou o Rio Branco (1982), o Atlético (1990) e o Independência (1997).

FOTO: ACERVO CHICÃO ARAÚJO

Rio Branco - 1979. Em pé, da esquerda para a direita: Mário Vieira, Tião, Chicão, Jaime, Zezito e Eco. Agachados: Nino, Paraná, Miltinho, Bruno Couro Velho e Adalberto



(Publicada em Futebol Acreano em Revista – Dezembro de 2013)

Aquino Lopes

***Após o advento do
profissionalismo,
o futebol acreano
passou a ser
reconhecido
nacionalmente***

▲ Francisco Dandão

Comerciante de profissão, desportista por vocação e visionário por convicção, o advogado Antônio Aquino Lopes, 66 anos (ele nasceu em 21 de fevereiro de 1947), conhecido como Toniquim, é o dirigente maior do futebol acreano desde 1984, época em que a Federação de Futebol do Acre (FFAC) ainda se chamava Federação Acreana de Desportos (FAD).

Nesses 29 anos à frente do esporte acreano, mesmo os seus eventuais detratores (não são muitos, mas eles existem) reconhecem, foram inúmeras as suas conquistas: desde a construção de uma sede própria para a Federação, que antes vivia em imóveis cedidos ou alugados, passando pela profissionalização do futebol até a construção de um moderno estádio.

Mesmo avesso a entrevistas (ele costuma dizer que prefere “fazer” a “falar”), Toniquim concordou em me receber na sua sala de trabalho na Federação para uma conversa gravada, numa tarde em que, do lado de fora, sob um sol escaldante, mais um dos muitos times visitantes (o Luverdense, no caso) se exercitava e elogiava o prático e belo estádio acreano.

Seguem-se abaixo os principais trechos da nossa conversa.

Francisco Dandão - Presidente, pra começo de conversa, eu gostaria de saber como foi que se deu essa sua relação com o futebol.

Toniquim - Meu primeiro contato com o futebol foi na infância, num campo de pelada no bairro Quinze, lugar que a gente chamava de “Papoquinho”, ali onde depois surgiu o “Sambão”. Depois, em 1963, aos 16 anos, eu fui para o Rio de Janeiro estudar, no Colégio Werneck, em Petrópolis. E aí quando eu voltei, em 1967, ingressei no Vasco da Gama, dirigido pelo professor Almada Brito. Isso para o time juvenil. Na época jogava eu, o Pedro Paulo Castelo Branco, o Sérgio Beirute, o Oberdan e outros. No time de cima jogavam, que eu bem me lembro, os zagueiros Paulo e Alberto, e no meio campo Teotônio e Aderson. Esses eram os de maior destaque. Eu era ponteiro-direito. Mas não

FOTO: ACERVO ANTÔNIO AQUINO LOPES



Amapá - 1975. Em pé, da esquerda para a direita: Zé da Gorda, Toniquim, Azeitona, Buda, Lúcio, Ronaldo e João. Agachados: Regino, Maguim, Bira, Tavares, Chicana e Pintinho





Inauguração da Sede da FAD, em 1987. Em pé, da esquerda para a direita: Clóvis Melo, Ildo Nejar, Roberto Chaar, Paulo Maia, Vicente Barata, Antônio Aquino, Otávio Pinto Guimarães, Lourival Marques, Edmir Gadelha, Almada Brito, Nizomar, Asfury, Ivonaldo Portela e Ariosto Miguéis



cheguei a jogar entre os titulares. Fui ficando adulto e tive que trabalhar com o meu pai, no comércio dele. O velho Acelino Aquino era meio linha dura, a gente trabalhava até aos domingos pela manhã, e aí eu fiquei sem tempo para treinar. Para não perder totalmente o contato com a bola, eu fui jogar num time de subúrbio, o São Raimundo. Depois eu fui jogar, ainda nessa categoria suburbana, no Amapá, time que mandava seus jogos nesse local onde foi construída a terceira ponte. Ali era uma colônia. O pessoal do bairro Quinze todos os domingos à tarde ia pra lá. Nesse momento, enquanto time de colônia, o dirigente do Amapá era o Osmar Vieira da Silva. Depois, quando viemos disputar os campeonatos da cidade, quem trouxe o time fui eu e o Francisco Ribeiro Gomes. Isso fez com que o time crescesse, chegando até, num certo momento, a representar o estado no Copão da Amazônia. Antes disso, o Amapá foi bicampeão suburbano, que era uma espécie de 2ª divisão da FAD, além de pentacampeão do Torneio da Imprensa. Quando veio o profissionalismo, o Amapá, por falta de estrutura, encerrou suas atividades. Mas nesse momento eu já não estava mais por lá. Nesse período também cheguei a ser diretor, sucessivamente, do Atlético, convidado pelo Adatauto Frota, e do Rio Branco, convidado pelo Sebastião Alencar. Até chegar à Federação, primeiro como diretor do departamento técnico, na gestão do Pedro Paulo Menezes de Campos Pereira, e depois como presidente, eleito pelos clubes, a partir de 1984.

Francisco Dandão - Cinco anos depois de chegar à presidência da Federação, você passou o futebol acreano para o regime profissional. Como e porque isso veio a acontecer?

Toniquim - Na época havia uma pressão muito grande para que o nosso futebol não passasse a profissional. Nós tivemos que fazer um trabalho muito eficaz para isso acontecer. Quando eu digo nós estou falando de gente do porte do Alencar, do Adatauto Frota e outros, que trabalharam junto comigo a ideia. A FAD, é bom dizer, sequer tinha o seu estatuto reconhecido, o que en-



Antônio Aquino durante rodada do Campeonato Acreano

FOTO: FRANCISCO DANDÃO

sejou a criação de um estatuto novo, aprovado pela Assembleia Geral de Clubes e referendado pelas instâncias superiores do esporte brasileiro. Paralelamente, nós resolvemos transformar a FAD em FFAC, uma vez que a antiga entidade cuidava de todos os esportes. Cuidar bem de todos os esportes se tornou absolutamente impossível. Passamos a cuidar somente do futebol e os demais esportes criaram as suas respectivas federações. Quanto à necessidade de passar de amador para profissional, isso foi uma imposição do tempo em que a gente vivia. O Copão da Amazônia já não mais empolgava e precisávamos evoluir em nível nacional, disputando competições de mais visibilidade. Em 1989, ano em que o nosso futebol passou a profissional, o Acre era o único estado cujo futebol era amador. Era só o Acre e os territórios federais. Juntamos todos os documentos necessários e tivemos o prazer de vê-los aprovados e homologados tanto pela CBF [Confederação Brasileira de Futebol] quanto pelo CND [Conselho Nacional de Desportos]. Não havia outro caminho a seguir. Se permanecêssemos amadores, não teríamos o direito de disputar os torneios nacionais que ora disputamos. Iríamos nos limitar a ficar jogando entre nós, campeonatos sem nenhuma importância ou visibilidade e, igualmente, sem nenhum intercâmbio com outros centros.

Francisco Dandão - A partir do advento do profissionalismo no futebol acreano, o que você considera ter sido as suas principais realizações?

Toniquim - Após o advento do profissionalismo, o futebol acreano passou a ser reconhecido nacionalmente, passou a ter visibilidade, enquanto que no tempo do amadorismo, a gente saía daqui para jogar contra os times das outras fe-

derações amadoras, no tempo do Copão da Amazônia, por exemplo, e não era publicada uma única linha na imprensa de lugar nenhum, exceto nos locais onde era realizada a disputa. O Copão era uma competição restrita, que não conduzia a lugar algum. Até as condições estruturais eram extremamente precárias, com as delegações, às vezes, ficando alojadas em quartéis, diferentemente de agora, quando a hospedagem se dá em hotéis de razoável conforto. Com o profissionalismo, pode-se dizer que nós já temos uma participação expressiva na Copa do Brasil, tal como aconteceu com o Rio Branco, que chegou numa fase onde só foi eliminado pelo Flamengo, jogando em pleno Maracanã, depois de ganhar dos cariocas aqui e eliminado o Goiás, equipe tradicional do futebol brasileiro. Sem contar as participações do Independência e do Rio Branco na série B. Este último, inclusive, disputou várias vezes a série B. O próprio atacante Artur Oliveira, que chegou a fazer uma brilhante carreira na Europa na década de 1990, só foi descoberto pelo futebol Brasileiro por conta do profissionalismo. Foi disputando uma série B pelo Independência que as atuações do Artur chamaram a atenção dos dirigentes do Clube do Remo, fazendo daí a sua ponte para Portugal. Hoje nós temos atletas acreanos jogando em vários lugares do país e do mundo e isso só acontece porque um dia ousamos trilhar o caminho do profissionalismo. E, além disso, posso citar pelo menos mais duas boas situações proporcionadas pelo profissionalismo: a vinda ao nosso estado de equipes que de outra forma não viriam e a construção de dois ótimos estádios para a prática do esporte.

Francisco Dandão – Por falar em estádios, todo mundo sabe que um deles, a Arena da Floresta, foi construído pelo Governo do Estado. O outro, o estádio que leva o seu nome, com o apelido de Florestão, foi construído com recursos próprios. Eu gostaria que você falasse sobre a construção deste estádio, quanto tempo levou a obra, onde você conseguiu os recursos para tocar o empreendimento... Essas coisas, enfim.

Toniquim – A ideia de construir o Florestão veio em função da precariedade do estádio José de Melo, o campo do Rio Branco, que era onde as competições eram realizadas, tanto faz se os campeonatos locais ou nacionais. Mas o José de Melo, apesar de ter cumprido a sua missão histórica, não reunia nenhuma condição estrutural de permanecer como a nossa principal praça esportiva. Nenhuma condição. Todos os times que nos visitavam reclamavam das condições do estádio José de Melo, que era, de fato, bastante precário. E naquele momento, não víamos nenhuma autoridade política preocupada em resolver o problema. Foi a partir daí, mais ou menos no segundo semestre do ano 2000, que surgiu a ideia de que um estádio tinha que ser construído. A primeira providência foi comprar uma área compatível. Depois disso, passei a contar com a ajuda do presidente da CBF, Ricardo Teixeira, que me deu todo o apoio possível para a realização da empreitada. O Ricardo Teixeira foi a única pessoa que me ajudou a realizar esse sonho, ninguém mais. Isso eu devo e sou grato a ele para sempre. Naturalmente, as coisas não aconteceram do dia para a noite. Foram muitos anos desde a compra do terreno até a inauguração do estádio que, diga-se de passagem, ainda nem está acabado. Ainda falta muita coisa para dá-lo como totalmente pronto. Mas, graças a Deus, já se configura

em um lugar digno para a prática do futebol, dentro daquilo que demandam as nossas necessidades, elogiado por todos os dirigentes de times de outros estados que nos visitam.

Francisco Dandão – A propósito, ainda, do estádio da Federação, presidente, o local foi batizado com o seu nome. Muitos torcedores criticam essa denominação, entendendo que você, ao proceder assim, o fez para se auto-homenagear. Eu gostaria que você falasse algo sobre isso.

Toniquim – O estádio foi batizado com o meu nome por indicação do falecido presidente juventino Roberto Chaar. A partir da indicação feita pelo referido dirigente, a proposta foi colocada em discussão numa Assembleia Geral de Clubes, momento esse registrado em ata, sendo aprovada por unanimidade por todos os presentes. Eu, inclusive, sugeri dar o nome do Ricardo Teixeira para o estádio, dado o apoio daquele dirigente em todo o processo, conforme já falei na resposta anterior. Eu achava justíssimo prestar ao Ricardo Teixeira essa homenagem. Os representantes dos clubes acreanos, entretanto, entenderam que o melhor nome para batizar o estádio era o meu. Eu votei no nome do Ricardo Teixeira, mas fui voto vencido na assembleia. Além da ata, caso alguém não acredite, existe outra boa prova disso que eu estou lhe dizendo, que é uma reportagem publicada na época da reunião de clubes, escrita pelo saudoso jornalista Ramiro Marcelo e publicada no jornal *A Gazeta*. Isso tudo aconteceu no ano de 2005. Eu guardo essa matéria com o maior zelo, justamente para mostrar aos críticos que não foi ideia minha me auto-homenagear, batizando o Florestão com o meu nome. Eu sou um homem desprovido desse tipo de vaidade. Tenho outras vaidades, muitos defeitos, é claro, mas não esse de me autodenominar uma coisa ou outra. Quero ser reconhecido pelo que eu fizer, mas sem precisar chamar a atenção para isso.

Francisco Dandão – Uma coisa curiosa na sua trajetória enquanto dirigente do futebol acreano foi aquela eleição para presidente da CBF, em 1986, quando o Acre votou em separado, voto esse que decidiu o pleito em favor do candidato Otávio Pinto Guimarães. Isso fez com que surgissem especulações de que o voto do Acre teria sido regamente pago. Fale um pouco sobre esse episódio, por favor.

Toniquim – O que aconteceu, de fato, foi que o Acre teve que votar em separado, dado que naquele momento a federação acreana não tinha o seu estatuto legalizado. Além do Acre, havia um problema também com a federação do Piauí. Então, a Assembleia Geral resolveu impugnar os dois votos. Nesses casos, os votos impugnados são recolhidos separadamente. Esses votos teriam que ser abertos na justiça. Paralelamente, existia naquele momento a promessa do então presidente Giulite Coutinho, no sentido de ajudar na construção da nossa sede. Só que essa ajuda jamais aconteceu. E justamente o presidente Giulite Coutinho estava apoiando o candidato Medrado Dias, opositor do Otávio Pinto Guimarães. Quando eu viajei para o Rio de Janeiro, local da eleição, fui cobrar a ajuda prometida pelo presidente Giulite Coutinho, mas como eu

Novo Estádio da Federação será Antônio Aquino Lopes.

RAMIRO MARCELO

Durante a reunião, ontem à noite, na sede da Federação de Futebol do Acre (FFAC), para a definir qual seria a tabela do primeiro turno, foi realizada eleição, entre os clubes profissionais acreanos, onde ficou homologado, quase que por unanimidade, o nome do presidente da autarquia maior do futebol no Estado, Antônio Aquino Lopes, como o nome certo para o novo estádio que está sendo construído há cinco anos pela FFAC.

Aquino Lopes ainda chegou a votar no nome do presidente da Confederação Brasileira de Futebol, Ricardo Teixeira, para homenagear no novo estádio, mas acabou como voto vencido. "A Federação (FFAC) vive de doações, pois não tem uma arrecadação própria, por isso tiramos do dinheiro que seria destinado à parte administrativa para construir, por cinco anos, o estádio, temendo que um dia chegasse um presidente para o Rio Branco (Futebol Clube), que não gostasse de futebol e acabasse impedindo os jogos no Estádio (Jipe de Meio)", enfatizando para a grande maioria de quem que o Estádio construído para o futebol acreano.

Antes mesmo da votação, Aquino havia comunicado que o novo Estádio da Federação, iria ser



Antônio Aquino apresenta tabela para a disputa do primeiro turno do Estadual inaugurado em agosto, com um jogo entre uma equipe convidada e o representante acreano na Copa do Brasil. "Podemos con-

vidar uma seleção Sub-20 ou quem sabe uma seleção de máster, enquanto na equipe local, poderíamos convidar alguns nomes

que contribuíram para o futebol nacional, talvez um aquino, para jogar um tempo pelo representante acreano", sugeriu o dirigente.

Matéria do falecido jornalista Ramiro Marcelo, sobre a escolha do nome do estádio da Federação, em 2005



percebi que não havia intenção alguma dele em cumprir a promessa de ajuda para construir a nossa sede, eu fiquei à vontade para votar. Aí eu votei no Otávio Pinto Guimarães. Além do mais, eu sempre tive um ótimo relacionamento com o Otávio, desde a época em que ele era presidente da federação carioca. Muito antes do Otávio Pinto Guimarães ser candidato à presidência da CBF, ela já costumava doar material esportivo para a federação acreana. Ressalte-se que não houve nenhum acerto prévio com o Otávio Pinto Guimarães, até porque ele surgiu como candidato somente na Assembleia Geral que o elegeu, muito menos com o seu vice, Nabi Abi Chedid, para que eles ajudassem na construção da nossa federação. Só após a eleição, na semana seguinte, em conversa com Otávio, Nabi e Gilberto Coelho, este último tesoureiro eleito da CBF, foi que eu falei pra eles que precisava de um determinado valor para comprar uma sede para a nossa federação. O Otávio disse-me que não podia me garantir nada, porque não sabia como estava o caixa da CBF, mas que tão logo tomasse pé da situação me daria uma resposta. E assim foi feito. Logo que pode, o presidente Otávio mandou o dinheiro que eu pedi, usado para a construção da antiga sede da Rua Manoel Cesário. Outra coisa: o voto do Acre, por decisão da Assembleia, não precisou ser aberto na justiça. Foi aberto no mesmo dia. No momento em que foi aberto, o Otávio Pinto Guimarães estava ganhando por um voto. Quando abriram o nosso voto, passou a ganhar por dois, não precisando, sequer, abrir o voto do Piauí. Por conta de tudo isso, eu acabei tendo que responder a uma sindicância no Conselho Nacional de Desportos, CND, cujo presidente na época era o Manoel Tubino. Respondi e provei que tudo foi feito dentro da legalidade.

Francisco Dandão – Falando em recursos, presidente, comenta-se que a partir da gestão do Ricardo Teixeira, as federações estaduais receberiam

uma grande quantia mensal, para fazer frente às suas diversas despesas. Até que ponto isso é verdadeiro?

Toniquim – As federações, normalmente, deveriam sobreviver a partir dos clubes, cobrando-lhes as diversas taxas relativas aos funcionamentos respectivos. No Acre, no entanto, além de não cobrarmos nada dos clubes, ainda os ajudamos, seja com material, seja com algum dinheiro, quando isso é possível. E aí, respondendo à sua pergunta, o Ricardo Teixeira criou, de fato, essa ajuda para as federações que não tem como se manter. Então, o que acontece é que a CBF faz doações mensais às federações necessitadas, dependendo, no que diz respeito ao valor, do fluxo de caixa deles. Nesse sentido, eu posso afirmar que nós só sobrevivemos, pagamos os nossos funcionários, construímos, reformamos e mantemos o patrimônio da federação graças a essa ajuda da CBF. Pra você ter uma ideia, hoje nós temos uma despesa mensal mínima de 35 mil reais. Isso sem contar as competições que nós promovemos e, naturalmente, temos que bancar.

Francisco Dandão – Agora, presidente, depois de passarmos por essas questões mais gerais sobre o seu trabalho na Federação de Futebol do Acre, eu quero fazer uma pergunta de cunho mais pessoal. Eu gostaria de saber a sua opinião sobre em qual época o futebol acreano produziu mais craques. Se antes, no amadorismo, ou se agora, no profissionalismo.

Toniquim – Eu vejo o que se diz de bom do amadorismo como o olhar dos saudosistas. Jamais como o olhar de quem analisa o futebol de uma forma de competição e visibilidade, em nível nacional. Não há um parâmetro assim tão preciso para se dizer que no passado existiam mais craques do que agora, uma vez que naquele tempo nós competíamos somente entre nós mesmos. Agora, diferentemente, nós jogamos constantemente contra equipes de outros estados, seja em competições nacionais, seja em competições regionais. Nós tínhamos jogadores que eram considerados supercraques, mas isso era para consumo doméstico, para o nível de nós contra nós mesmos. Nós não tínhamos como medir o nosso nível, porque não participávamos de nada. Só jogávamos com times de outros estados quando estes excursionavam por aqui. Mas aí eram partidas amistosas, onde os nossos davam tudo de si, enquanto que os de fora jogavam somente para o gasto. Existia o Copão da Amazônia, é verdade, mas essa competição, embora importante para nós, não era nada, não significava nada, nacionalmente falando. Existiam craques, mas dentro de uma ótica muito particular, dentro daquelas condições domésticas nas quais eles se apresentavam. Mas, se você prestar atenção, você não acha praticamente ninguém daquele tempo que tenha saído daqui para fazer carreira pelo mundo. Ao contrário disso, na era do profissionalismo são vários os nomes que saíram e saem daqui para jogar em outros centros, a exemplo do Artur, do Adriano, do Sairo, do Ico etc. E hoje temos o goleiro Weverton, do Atlético Paranaense, e o atacante Doca Madureira, que jogou pelo Rio Branco e agora está na Turquia, depois de passar pela Bulgária. Pra mim, não dá para comparar um tempo e outro.

Francisco Dandão – Levando em conta, então, a sua resposta, de que

hoje o futebol acreano produz jogadores melhores do que no passado, diga-me, por favor, o que é que estaria faltando para um time do Estado ascender de divisão no futebol brasileiro.

Toniquim – No meu entender, o que mais pesa no nosso futebol é o fator econômico. Para além dessa questão dos bons valores locais, o fato é que o nosso futebol é fraco economicamente, não podendo contratar jogadores de um nível técnico mais elevado. Os melhores jogadores que nascem aqui são levados para outros centros, enquanto que os melhores de lá jamais vem para cá. Falta dinheiro para manter aqui os que se destacam e também para trazer para cá os que poderiam ajudar um time local a subir de divisão. Sem dinheiro não se faz futebol e, por conseguinte, não se ascende de divisão. Aqui os clubes dependem do apoio total do Governo do Estado. No ano em que o Governo não pode apoiar, a coisa fica pior ainda. Aliás, essa ajuda do poder público não é uma peculiaridade do futebol acreano. Em todos os estados menores, fora do eixo das grandes equipes, o poder público é sempre o grande responsável pelos investimentos na formação das equipes que disputam os diversos campeonatos nacionais. No lugar em que o Governo investe mais, aí se formam os melhores times, aumentando a possibilidade de sucesso das respectivas equipes. Agorinha mesmo, para a disputa da série D, segundo se comenta, o Nacional, do vizinho Estado do Amazonas, recebia uma ajuda de 500 mil reais mensalmente do Governo. Embora não tenha conseguido subir, é certo que montou uma equipe bem competitiva. Sem dinheiro, não tem como o futebol chegar a lugar algum. A concorrência é mundial. Onde existe mais dinheiro, aí jogam os melhores atletas. Sem isso, fica difícil, praticamente impossível mesmo.

Francisco Dandão – Sobre o seu longo mandato à frente da Federação... De 1984 para cá já são 29 anos. Quanto tempo você ainda pretende ficar?

Toniquim – Nesse instante o que eu pretendo e levar o meu mandato até o fim, o que se dará em 2015. Quando chegar nessa data, eu não sei o que poderá acontecer, se eu saio, se eu me candidato de novo... Eu não tenho hoje uma definição sobre isso. O que está muito claro na minha cabeça agora é levar a bom termo até o fim o meu mandato. E quanto a esse tempo todo em que eu estou à frente da Federação, isso se deu pela vontade de sempre fazer mais pelo futebol acreano. Eu estou sempre vislumbrando alguma coisa de melhor para o nosso futebol e trabalho incessantemente para que isso se materialize. Talvez por isso, acredito que eu tenha tido o reconhecimento dos clubes, porque se assim não fosse eu não seria reeleito. Muito menos teria sido candidato único. Eu fiquei esse tempo todo por vontade dos clubes, via escolha democrática. Para mim, esses fatores indicam que o trabalho tem sido aprovado pela maioria. É certo que aqui e acolá surjam contratempos com os dirigentes de um clube ou outro, mas, no geral, penso que o saldo tem sido positivo.

Francisco Dandão – E o que você ainda gostaria de fazer pelo futebol acreano, depois desses 29 anos à frente da Federação?

Toniquim – Eu guardo dentro de mim um sonho ousado, voltado para a

formação de atletas. O sonho de montar um centro de treinamentos com todas as condições possíveis, reunindo profissionais capacitados para trabalhar com jovens. Seria uma coisa bem programada, igual ao que se faz em outros centros. Isso é uma coisa que falta aqui no Acre, porque matéria prima, material humano, jovens talentosos nós temos em profusão. Falta apenas essa estrutura para esses talentos brotem e desenvolvam plenamente as suas capacidades. Isso é um sonho. Mas é um sonho que eu sei ser muito difícil de realizar, porque além da montagem da estrutura física, precisaria de recursos para a manutenção. Quem deveria tomar essa iniciativa era os clubes. Mas, em razão da precariedade financeira do nosso futebol que eu já citei anteriormente, acabei entendendo que a federação poderia ser a entidade mais indicada para criar essa situação.

Francisco Dandão – Algum arrependimento, alguma mágoa, depois desses anos todos à frente da Federação?

Toniquim – Não, nenhum arrependimento ou mágoa não. Existem alguns contratempos, é verdade, mas isso é normal quando se exerce uma atividade que mexe com emoções, paixões etc. Isso faz parte do jogo. Às vezes a gente sente alguma tristeza, em função do que se escuta de pessoas que não tem sequer noção do que é feito. Isso magoa. Nós somos a única federação do Brasil a ter um estádio próprio... Um estado pobre como o nosso... Isso é reconhecido pelo Brasil todo... Todos os dirigentes de times que vem aqui ficam abismados com a nossa estrutura... A própria FIFA já fez elogios a essa nossa estrutura, através dos seus instrutores que vem aqui ministrar cursos para os árbitros... Das federações de futebol do Brasil, a do Acre é a que tem a melhor estrutura para a realização de cursos de formação de árbitros, de acordo com os diversos instrutores que tem nos visitado nos últimos tempos. Isso é público e notório, mas esse reconhecimento vem mais de fora do que do pessoal aqui do Estado. No fim das contas, a gente acaba vivendo um sentimento duplo: feliz com o reconhecimento dos visitantes; e triste com a falta de reconhecimento local.

Estádio da
Federação
é motivo
de orgulho



(Publicada em Futebol Acreano em Revista - Dezembro de 2013)

Tadeu

***Um volante de
muita técnica
a serviço de
vários clubes***

▲ Francisco Dandão

Natural de Parintins (AM), Márcio Tadeu Varela Belém já na infância revelou o seu talento para o futebol, tal a intimidade com que tratava a bola. Assim, não foi novidade quando o surgiu o convite para ingressar no Nacional, de Manaus, em 1965, onde atuava simultaneamente pelas equipes juvenis de futebol de salão e de campo.

Mas a história não ficou por aí. Ainda com idade para jogar nas divisões inferiores, Tadeu foi promovido para o time profissional do Nacional, fazendo companhia a gente do porte de Alfredo Mostarda (zagueiro que depois fez carreira no Palmeiras), Mário Vieira (ex-Madureira - RJ), Rangel e Rolinha (grandes ídolos do futebol amazonense).

Pouco tempo depois, porém, Tadeu compreendeu que era melhor dedicar-se ao futebol de salão, onde recebia um bom dinheiro para atuar pela equipe do próprio Nacional. Nessa modalidade, aliás, Tadeu defendeu ainda o time da companhia telefônica do Amazonas (Camtel), no final de 1971. Os gramados perderam momentaneamente o craque para as quadras.

Mas apenas momentaneamente. É que encantados com as atuações daquele jovem interiorano nas quadras, a Rodoviária tratou de devolvê-lo aos gramados, incorporando-o ao seu plantel. Isso em setembro de 1972. E assim, durante um ano, Tadeu jogou no citado clube, sagrando-se campeão da Taça Estado do Amazonas e do campeonato profissional de 1973.

FOTO: ACERVO TADEU BELÉM



Rio Branco - 1975. Em pé, da esquerda para a direita: Nostradamus, Illimani, Grasi, Antônio José, Russo, Tadeu, Stélio e Sebastião Alencar (presidente). Agachados: Fernandinho, Bruno Couro Velho, Durval, Antônio Carlos e Vute Vilanova



A VINDA PARA O ACRE

O contato com o futebol acreano aconteceu por conta de uma excursão da Rodoviária, em setembro de 1973. O advogado Edmir Borges Gadelha, então presidente do Rio Branco, não teve dúvidas de que Tadeu era o homem certo para dar a estabilidade necessária ao meio campo do Estrelão. Convidou o jogador para ficar e este decidiu aceitar o desafio.



Atlético Acreano - 1977. Em pé, da esquerda para a direita: Zé Augusto, João Pereira, Nato, Pitico, Tadeu e Valdir. Agachados: Pedrinho, Manoelzinho, Dadão, Guedes e Nelson



Edmir Gadelha tinha razão. Tadeu entrou no time como uma luva. Cedo o jovem amazonense tornou-se um daqueles jogadores ditos imprescindíveis para o Rio Branco. Tanto que, ao fim de cada temporada, sempre apareciam muitos convites para ele mudar de clube. Mas ele resistia, permanecendo no Estrelão até o fim do campeonato de 1976.

Campeão do Copão da Amazônia (competição que reunia as principais equipes amadoras do Acre, Rondônia, Amapá e Roraima) em 1976, o ciclo de Tadeu no Rio Branco foi encerrado. E o volante de futebol refinado resolveu mudar de ares novamente, aceitando um convite para defender o Jorge Wilstermann, time profissional de Cochabamba (Bolívia).

Por conta dessa transferência para a Bolívia, Tadeu virou até personagem de matéria na revista Placar, de circulação nacional. É que, na época, Tadeu foi comprado pelo maior valor jamais pago por um jogador de um time acreano: 50 mil cruzeiros. “Uma transa milionária”, no dizer do jornalista José Chalub Leite, autor da matéria publicada na Placar.

RETORNO E DECEPÇÃO

A aventura boliviana durou apenas quatro meses. A troca da diretoria, a desclassificação da equipe na “Libertadores” e a contratação de um treinador argentino, que trouxe oito jogadores a reboque, diminuindo as chances dos estrangeiros que já estavam no time, fizeram Tadeu voltar para o Acre. Mas aí para defender o Atlético Acreano, onde ele ficou até 1981.

Precisamente em outubro deste ano veio o divórcio com o Galo do Segundo Distrito. Acometido de um grave problema renal, Tadeu não teve apoio nenhum do clube no que diz respeito a acompanhamento médico. Precisou viajar para o Rio de Janeiro para o tratamento, mas o fez às próprias custas. Talvez a maior decepção do Tadeu no mundo do futebol.

Na volta do Rio de Janeiro, Tadeu mudou de casa mais uma vez, indo para o Independência, em troca de um emprego público e de uma casa no Conjunto Bela Vista. Ficou no clube até 1984, primeiro como jogador, depois como técnico. Acabada a bola, Tadeu resolveu ficar no Acre, onde construiu família e, mais recentemente, formou-se em Serviço Social.

Hoje, aos 61 anos (ele nasceu em 08.03.1951), Tadeu ainda bate a sua “bolinha” na pelada da Associação Atlética Jumbo, formada, principalmente, por ex-jogadores. Mas o que ele gosta mesmo de fazer é contar as histórias de amor vividas com a bola. É só o interlocutor dar o mote que ele fala por horas a fio. Alvissaras ao grande Tadeu Belém!

FOTO: ACERVO TADEU BELÉM



Independência - 1982. Em pé, da esquerda para a direita: Deca, Isac, Tião, Tadeu, Zé Augusto e Litro. Agachados: Aníbal, Celso, Salvador, Rose e Tonho



(Publicada em Futebol Acreano em Revista – Dezembro de 2012)



Vianna

***Histórias e
conquistas de
um zagueiro
vindo do interior***

▲ **Francisco Dandão**

Aos 56 anos (ele nasceu em 6 de abril de 1945), o economista Raimundo Vianna Ferreira não dispensa a pelada todos os sábados na sede da Associação Cafezar. A calvície acentuada denuncia o passar do tempo. Mas, dentro do campo, a categoria no trato com a bola, bem como a vontade eterna de vencer, dá idéia do que ele era capaz nos seus tempos de atleta.



Grêmio Atlético Sampaio - 1967. Em pé, da esquerda para a direita: Toinho, Vianna, Palheta, Pional, Chico Alab e Rocha. Agachados: Amílcar, José Augusto, Babá, Rui Macaco e Ailton



A história esportiva do quarto-zagueiro começou há muitos anos. Foi em 1961, quando ele vestiu pela primeira vez a camisa do Palmeiras, de Brasília (AC), sua cidade natal. Logo nos chutes iniciais, duas certezas tomaram conta do público presente ao estádio. Primeira: nascia um craque. Segunda: o futebol do município logo ficaria pequeno para aquele jovem jogador.

Todas as previsões se confirmaram. Tanto que em 1963 ele já estava no Vasco da Gama, da capital. Obrigado a mudar-se para Rio Branco, para cursar o 2º grau (em Brasília, à época, só havia o curso ginásial), Vianna foi imediatamente levado para a Fazendinha, pelas mãos do professor Almada Brito. Ele disputou dois campeonatos, voltando para Brasília em 1965, para exercer o magistério.

Mais uma vez, porém, o interior não pode segurá-lo. Em 1966, por intermédio de um oficial do Exército conhecido como Capitão Maia, Vianna desembarcou novamente na capital. E ao mesmo tempo em que ingressou nas fileiras da 4ª Companhia de Fronteira como recruta (aos 20 anos), foi também defender o time do Grêmio Atlético Sampaio (GAS), fundado e dirigido pelos próprios militares.

No GAS, o zagueiro foi campeão estadual de 1967, ficando por lá até a extinção do clube, depois da temporada de 1968, formando ao lado de craques lendários do futebol acreano, como Ailton, Chico Alab, Palheta e Amílcar. Depois disso, Vianna só vestiu mais uma camisa, a do Rio Branco, durante quatro temporadas (1970 a 1973), onde ainda conseguiu ser campeão duas vezes (1971 e 1973).



Rio Branco - 1971. Em pé, da esquerda para a direita: Lourival Marques (presidente), Pedro Louro, Ivo Neves, Stélio, Espanhol, Elden, Vianna, Danilo Maia, Jones e Raimundo Quintino (mordomo). Agachados: Eli, Evandro, Lelê, Bruno Couro Velho, Fernandinho, Roberval e Grassi



A BOLA OU A VIDA

As responsabilidades do cargo de secretário de planejamento da Prefeitura de Rio Branco (gestão Durval Dantas) fizeram Vianna abandonar o futebol precocemente, no início de 1974, aos 28 anos. “Não dava para treinar e trabalhar ao mesmo tempo”, explicou.

Em 1975, quando já não ocupava mais o posto de secretário municipal, resolveu ir para a Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) cursar especialização em Consultoria Empresarial, após ser aprovado num concurso em nível nacional. Ficou um ano por lá, debruçado nos livros, mas sem jamais descuidar da forma física.

FOTO: ACERVO FRANCISCO DANDÃO



Juventus (futebol de salão) - 1982. Em pé, da esquerda para a direita: Auzemir, Vianna, Mundoca, Lauro Fontes e Tião Nemetala. Agachados: Adrian, Emerson, Jorge Tijolo, Casquinha e Fugiwara



FUTEBOL DE SALÃO: UMA NOVA PAIXÃO

De Campinas, além do diploma de pós-graduado, Vianna trouxe para o Acre outra paixão: o futebol de salão. Tanto que ao chegar tratou imediatamente de fundar um time da modalidade chamado Ponte Preta, composto por vizinhos do bairro José Augusto, entre os quais Álvaro Curu, Carlos Mendes, Tinda e Augusto.

Em 1977, com a criação da Federação Acreana de Futebol de Salão, todo o time da Ponte Preta migrou para o Juventus. No Ninho da Águia, Vianna jogou até 1983, sagrando-se pentacampeão estadual e disputando dois campeonatos brasileiros: 1980, em Mossoró (RN); e 1982, em Brasília (DF).

ZECA DIABO EM AÇÃO

Memória absolutamente precisa, Vianna é uma daquelas pessoas com quem se pode conversar durante horas sobre futebol. E o melhor de tudo, diferentemente de muitos ex-jogadores, é que ele não demonstra nenhuma mágoa ou frustração. Ao contrário: “O futebol me deu muitas alegrias”, afirmou.

Fato pitoresco? Vianna não se faz de rogado para contar. Aconteceu em Brasília, num dos campeonatos brasileiros que jogou. Ele tinha 38 anos e quase nenhum cabelo. Ao ser anunciado pelo locutor oficial, veio um complemento após o nome: Zeca Diabo! “O ginásio foi ao delírio”, contou divertido.

FOTO: ACERVO FRANCISCO DANDÃO



Vianna e Chico Alab com a faixa de campeões pelo GAS, em 1967



(Publicada no jornal Página 20 - Fevereiro de 2002)

TIÃO ARAÚJO

***Uma
enciclopédia
viva do futebol***

▲ Manoel Façanha

No final da década de 1930, mais precisamente em 1938, nascia no então Território do Acre, Sebastião Araújo, um dos grandes treinadores do futebol brasileiro. Porém, a carreira futebolística seria iniciada ainda na adolescência, quando aos 17 anos assumia o posto de guardião do gol tricolor (Independência FC) para mais tarde, três anos depois, estreiar com a camisa do Rio Branco FC, após uma rápida passagem pelo Galo Carijó.

Entretanto, os sonhos de Araújo não se limitavam meramente à figura de um simples goleiro. Em sua mente estava presente o desejo de se tornar um dos grandes profissionais da área de Educação Física do país. A chance veio em 1959, por intermédio do professor Walter Félix de Souza (Té) para estudar na cidade do Rio de Janeiro. Tião Araújo não pensou duas vezes e ainda no primeiro ano de faculdade já estava integrado à equipe de profissionais da Portuguesa (RJ), mas ainda na função de arqueiro. Daí em diante, virou preparador físico da Lusa carioca e dois anos mais tarde foi transferido para o Fluminense (RJ).

O bom trabalho, a inteligência e a conduta profissional foram suficientes para levá-lo ao cargo de preparador físico da Seleção Brasileira nas Olimpíadas de Montreal, Canadá (1976), quando o Brasil garantiu a quarta colocação, com a Polônia, do atacante Lato conquistando a medalha de ouro. Mas o melhor ainda estava vir em sua brilhante trajetória pelo mundo futebolístico. A convite do revolucionário técnico da época Oswaldo Brandão, o acreano assumiu o posto de preparador físico da seleção principal do país durante as eliminatórias da Copa da Argentina. E nem mesmo a prematura saída de Oswaldo Brandão do cargo chegou a balançar sua permanência na equipe brasileira.

Com a classificação para o Mundial de 1978, Tião Araújo, ao lado de Claudio Coutinho, foi peça importante para o Brasil garantir o honroso e invicto terceiro lugar da Copa da Argentina. Um ano depois, após mais de uma década trabalhando nas categorias de base do Fluminense ao lado do amigo e ex-goleiro do clube Pinheiro, Sebastião Araújo assume o cargo de treinador do Fluminense (RJ).

Mesmo com um time de garotos, o endividado tricolor - uma herança da administração de Francisco Horta -, embalou e, ao lado do Flamengo, de Claudio Coutinho e Zico, eram os favoritos a levantar o Estadual de 1979.

No primeiro tira-teima (Fla-Flu), por sinal de casa cheia, em um Maracanã colorido, prevaleceu a vitória tricolor por 3 a 0 e ainda a desistência dos árabes do Catar em levar Cláudio Coutinho na bagagem, optando, de última hora, pelo trabalho do acreano, que além de treinar a seleção do Catar, esteve à frente das seleções da Arábia Saudita, Hong Kong, Bahrain e Trinidad e Tobago, totalizando mais de 18 anos fora do país, tendo ainda o título de propulsor dos treinadores brasileiros em território árabe.

Com esse currículo e uma enciclopédia invejável do futebol brasileiro guardada dentro de si, a editoria de Esportes do jornal O Rio Branco aproveitou a visita de Sebastião Araújo à capital acreana para conhecer melhor sua brilhante carreira no mundo futebolístico.



Em 1958, Campos Pereira, Tião Araújo e João Carneiro ajudaram o Rio Branco vencer o Independência por 2 a 0

ORB – Professor fale um pouco de sua carreira ainda no futebol do Acre?

TIÃO ARAÚJO – Comecei minha carreira ainda na adolescência, ao lado do saudoso José Aníbal Tinoco, no gol do Independência. Depois tive uma rápida passagem pelo Atlético Acreano e em 1958 tive a oportunidade de vestir a camisa do Rio Branco FC, juntamente com Campos Pereira, João Carneiro e tantos outros.

ORB – Como foi sua saída do futebol acreano para o futebol carioca?

TA – Meu sonho era obter uma formação profissional na área de Educação Física. Nesta época não existia faculdade no Acre. Aí o jeito era estudar fora e através do professor Walter Félix de Souza, o Té, tive a felicidade de conseguir uma vaga na faculdade do Rio de Janeiro. Quando cheguei ao Rio de Janeiro, à época capital do país, tive a felicidade de jogar pela Portuguesa da Ilha do Governador (RJ).

ORB – Você deixou o Acre e ao concluir a faculdade de Educação Física assumiu a parte física da Portuguesa, clube por onde também foi goleiro. Dois anos depois chegava ao Fluminense. Fale um pouco dessa trajetória.

TA – Verdade. Fui goleiro e ainda trabalhei dois anos como preparador físico da Lusa Carioca, abrindo caminho para a minha transferência para o Fluminense, clube que trabalhei por 15 anos na função de preparador físico, treinador das categorias de base e time principal durante o estadual de 1979.

ORB – É verdade que o acreano Dadão foi campeão e a artilheiro do Fluminense na Taça São Paulo de Juniores?

TA – Sim. Dadão fez uma excelente Taça São Paulo de Juniores, isso em 1971, tornando-se não apenas artilheiro do time, mas uma das peças importantes do Fluminense naquela conquista, quando, na final, venceu o Botafogo, nas penalidades, após empate de 3 a 3.

ORB – Se o Dadão era um atleta propulsor de nosso futebol, por que não ficou no Fluminense?

TA – o garoto [Dadão], por sinal indicado pelo professor Té, tinha tudo para assumir uma posição no time titular do Fluminense, mas às vésperas de uma partida de juniores seu pai esteve no Rio de Janeiro para tratar de um acerto salarial com o clube das Laranjeiras, isso sem eu saber. A diretoria e o genitor de Dadão não chegaram a um acordo e, infelizmente, Dadão teve que deixar o Fluminense.

ORB – Em 1976 você foi convidado para assumir a parte física da equipe brasileira de futebol para as Olimpíadas de Montreal. Fale um pouco dessa experiência.

TA – Participar de uma Olimpíada sempre é bom para o currículo de qualquer profissional, principalmente quando se tem um grupo de qualidade com tempo ideal para prepará-lo.

ORB – Naquela época, do grupo de Montreal, quem despontou para o futebol brasileiro?

TA – Cláudio Adão, Edinho, Junior, Batista, Rosemiro e o goleiro Carlos.

ORB – **Para disputa das eliminatórias para a Copa da Argentina, você fez dupla com Oswaldo Brandão e depois com Claudio Coutinho. Fale um pouco disso.**

TA – Iniciamos a campanha com um empate sem gols, fora de casa, contra a Colômbia. A mídia fez pressão e o Oswaldo Brandão caiu, sendo substituído por Cláudio Coutinho. Na última partida, atropelamos a Colômbia, em casa, por 6 a 0.

ORB – **Esse foi o momento mais feliz em sua carreira?**

TA – Sim. Saí do Maracanã de alma lavada e minha primeira atitude foi ligar para o professor Oswaldo Brandão para extravasar minha emoção.

ORB – **Se o melhor momento da carreira foi esse, quando da classificação para a Copa da Argentina, qual foi o pior?**

TA – O pior veio poucos meses depois, quando o Brasil, após vencer a Polônia por 3 a 1, na Copa da Argentina, foi duramente traído pelo goleiro peruano Quiroga, quando da goleada da Argentina por 6 a 0 diante do selecionado andino. Foi uma vergonha aquilo para o futebol.

ORB – **Como ficou o clima naquele dia entre os jogadores?**

TA – Foi um dia muito triste para todos nós. Lembro-me que mal a partida tinha iniciado, com a delegação brasileira embarcando no ônibus com destino ao hotel, a Argentina já estava vencendo por 1 a 0. Na chegada do hotel, o placar já apontava vitória parcial de 5 a 0 para os donos da casa. O clima era tão triste que ninguém quis jantar naquela noite.

ORB – **No ano seguinte, em 1979, você foi efetivado como treinador do Fluminense (RJ) e o amigo e técnico Claudio Coutinho assumiu o posto de treinador do Flamengo (RJ). Porém, você preferiu ainda naquele ano deixar o Fluminense, após uma proposta dos árabes para treinar a seleção do Catar, país do Oriente Médio, tornando-se o primeiro brasileiro a trabalhar na região e abrindo caminho para o Parreira, Zagallo e tantos outros. Como aconteceu isso?**

TA – Uma pessoa ligada ao futebol do Catar foi ao Maracanã para assistir o Fla-Flu com o objetivo de fazer uma proposta para o Cláudio Coutinho. Porém, o Fluminense, por sinal, com um time reformulado, cheio de jovens, fez uma partida magnífica e venceu o jogo por 3 a 0. Encerrada a partida, o dirigente árabe se encaminhou para o vestiário, mas foi alertado que não era aquele o vestiário do Cláudio Coutinho. Ele se virou compassadamente e disse: não quero mais aquele, eu agora quero é esse, apontando para mim [risos]. Daí em diante, foram cinco anos comandando todas as seleções de futebol do Catar.

ORB – **Você conviveu com vários jogadores, boa parte deles ídolos em seus respectivos clubes. Porém, quais os mais problemáticos?**



FOTO: ACERVO MANOEL FAZANHA

Equipe do
Rio Branco
FC, em 1958.
Agachado,
Tião Araújo



TA – É difícil falar. Portanto, posso citar o Mário Sérgio Pontes de Paiva e ainda o Paulo César Caju.

ORB – **A maior goleada de um Campeonato Estadual do Rio de Janeiro foi em 1979, quando você dirigia o Fluminense?**

TA – Verdade. Vencemos o Madureira por 9 a 0.

ORB – **Em 1977, o Fluminense perdeu um jogo por WO?**

TA – Realmente. Os jogadores foram acometidos de uma virose (dengue), a diretoria tricolor enviou ofício para a Federação de Futebol do Rio de Janeiro, mas o pedido foi indeferido e como o clube não foi a campo de jogo, perdeu a partida por WO para uma equipe do interior, complicando-se na competição, uma vez que um empate naquela partida seria suficiente para o time garantir o título da temporada.

ORB – **A primeira edição do seu livro “O futebol e seus fundamentos” fez sucesso dentro e fora do Brasil, inclusive, na Alemanha, pois onde na década de 1970 os treinadores adotaram como livro de cabeceira. Fale disso?**

TA – O livro é interessante e orienta como praticar futebol, dando total ênfase aos fundamentos e simulando várias situações de jogo. Na Alemanha, anfitriã da Copa de 1974, muito se trabalhou em cima do livro para se chegar ao título do mundial.

ORB – **Fale um pouco da sua família?**

TA – Sou casado há 18 anos com uma professora de Educação Física (Dona Maria) e tenho três filhos, dois deles formados em Educação Física (Max e Iara), enquanto a mais velha (Iracema) é formada em Ciência da Computação.

ORB – **A seleção de Hong Kong foi o seu último emprego?**

TA – Sim. Este ano ainda trabalhei por lá, mas é chegado o momento de se aposentar. Estou com 65 anos e quero aproveitar o momento para ficar com a família e rever meus amigos para daí em diante se pensar no futuro.

(Publicada no jornal O Rio Branco - 08 de agosto de 2003)

Auzemir Martins e sua passagem pela China

***Um dos grandes
goleiros do futsal
acreano e da
equipe do Vasco
(AC) conta detalhes
de sua ida ao
continente asiático***

▲ **Manoel Façanha**

Não muito ‘diferente’ da obra-prima do escritor Júlio Verne, em que um inglês e seu criado aceitam o desafio de dar a volta ao mundo em 80 dias, no final do século XIX, o presidente da Federação Acreana de Futsal, (Fafs) Auzemir Martins, e mais dez presidentes de federações aceitaram o convite da alta cúpula da Confederação Brasileira de Futsal (CBFS) e atravessaram o mundo para assistir de perto ao Mundial de Futsal da China – Taipei, em novembro/dezembro de 2004.

Diferente dos meios de transportes usados pelos aventureiros da história de Verne, em que os mais comuns eram trens, navios, cavalos e até mesmo elefantes, Auzemir Martins e os demais cartolas do salonismo brasileiro cruzaram o mundo em um moderno avião Boeing 737-800, com a viagem durando 37 horas – e não 80 dias como na história do escritor francês. No entanto, as diferenças de cultura, língua, hábitos alimentares e cenários exóticos de selva de pedra fizeram nossos personagens viverem, talvez, a maior aventura de suas vidas.

Auzemir Martins avaliou como proveitosa sua presença no Mundial. “Foi uma experiência que engrandece qualquer ser humano, algo que jamais vou esquecer. Além disso, pude tirar lições da cultura chinesa e ainda de seus valores”. Martins elogia ainda o sistema de segurança e a honestidade do povo chinês, citando um episódio em que o presidente da Federação de Futsal da Bahia, Hilberto Almeida, perdera a sacola e poucas horas depois foi devolvida no hotel onde estava hospedado.

Para Auzemir Martins, 46, o hábito alimentar dos chineses e o fuso horário foram os únicos problemas enfrentados na viagem. “A culinária chinesa é muito diferente da brasileira e, para não passar fome, foi o jeito improvisar”. O dirigente reclamou do alto custo de vida, inclusive do preço do refrigerante, cerveja, restaurante e táxi. “Uma Coca-Cola custa R\$ 16,00”, disse Martins assustado.

Com a presença de 10 presidentes de federações no mundial, tanto o presidente Aécio Borba, 73 anos, candidato a novo mandato, como o vice-presidente,

FOTO: ACERVO AUZEMIR MARTINS



Auzemir Martins (Fafs)
durante visita ao centro
histórico na China



Contag 1977. Em pé, da esquerda para a direita: Paulinho, Auzemir e Luis Nei. Agachados: Mundoca, Ronivon Santiago e Tião Nemetala





Vasco - 1976. Em pé, da esquerda para a direita: Viegas, Cirênio, Pistolinha, Régis, Ratinho, Aníbal Honorato, Goiaba, Tom, Paulo e Fernando. Agachados: Auzemir Martins, Pelé, Jorge, Aldenor, Afonso, Litro e Carlos (massagista)



Carlos Bittencourt, hoje candidato da oposição, aproveitaram para fazer campanha, inclusive promovendo várias reuniões. Além de Auzemir Martins (AC), estiveram presentes os presidentes das federações do Distrito Federal, Piauí, Tocantins, Pará, Mato Grosso do Sul, Paraíba, Espírito Santo, Bahia, Sergipe e Rondônia. Segundo o jornal O Globo, dos dez presidentes que estiveram na China, oito são favoráveis à candidatura de Carlos Bittencourt, podendo o número subir para nove, segundo revelou Auzemir Martins.

O presidente da Federação Acreana de Futsal ainda lamentou a desclassificação do time brasileiro nas semifinais do torneio, quando a equipe do técnico Fernando Ferreti perdeu nas penalidades para a Espanha.

FOTO: ACERVO AUZEMIR MARTINS



Vasco - campeão juvenil 1976. Em pé, da esquerda para a direita: Viegas, Prof. Almada Brito (presidente), Auzemir, Pistolinha, Goiaba, Pelé, Aníbal, Ratinho, Fernando, Lécio e Raimundo (diretor). Agachados: Régis, Ademir Sena, Aldenor, Océlio, Jorge, Cícero, Tom e Litro



Humildade: a arma de Papelim

Flávio Caruta fala da possibilidade do Rio Branco garantir acesso a Série "B"

▲ **Manoel Façanha**

Com dois títulos profissionais seguidos no comando técnico do Rio Branco FC, último deles de forma invicta em 2003, o técnico estrelado, Flávio Caruta, 36, o Papelim, não esconde para ninguém que a humildade ainda é a melhor arma para se conquistar um lugar ao sol.

Ex-meia dos principais clubes do futebol acreano: Rio Branco FC, Independência FC, AC Juventus, Atlético e Vasco da Gama e sem falar do Clube do Remo, Paysandu, São e XV de Piracicaba, ambos de São Paulo, e uma mirabolante e rápida passagem pelo futebol da China, Papel garante estar preparado para sua primeira experiência em torneio nacional como treinador - Série C do Brasileiro, a partir de 17 de setembro, quando o Rio Branco FC vai a campo para enfrentar o Nacional no estádio Vivaldo Lima, em Manaus (AM).

Com apoio da diretoria, torcida, mídia esportiva e, claro, do Banco da Amazônia S/A (Basa), patrocinador oficial do clube na divisão “C” do Brasileiro, o treinador está esperançoso com a possibilidade do time avançar no torneio e quem sabe brigar pelo título da competição, principalmente se os reforços relacionados pela comissão-técnica chegarem a um acordo com a diretoria alvirrubra e a base do time for mantida para a disputa do torneio nacional.

Para falar mais a respeito da conquista do bicampeonato estadual por parte do Estrelão e os preparativos para a disputa da “Terceirona”, a reportagem de *O Rio Branco* convidou o treinador Papelim para um bate-papo. Veja na sequência a entrevista completa.

O Rio Branco – Você pegou um Rio Branco desmotivado, desunido e sem padrão de jogo definido. Qual foi o segredo para acertar o time e levar ao bicampeonato estadual?

Papelim – primeiro tentamos detectar onde estavam os principais problemas para partimos para o segundo item, que era unir o grupo e entrarmos na disputa com reais chances de brigar pelo título do estadual, algo concretizado com muito trabalho, respeito e amizade com os jogadores, mas não esquecendo o lado profissional. Outro importante fator foi a possibilidade existente, à época, do clube disputar a Série C do Brasileiro, algo concretizado agora com a conquista do título de campeão, garantindo assim mais alguns meses de emprego para quase todo o grupo.

ORB – Quais foram as grandes dificuldades para superar os adversários durante a disputa do estadual?

Papelim – Primeiramente o nível técnico de alguns adversários, como o Vasco da Gama e AC Juventus e sem falar da motivação de outros adversários, uma vez que vencer o Rio Branco é sempre algo muito bom para quem está do outro lado. Outro ponto importante foi que o grupo não deixou se abater pelas contratações dos adversários.

ORB – Em algum momento você viu o título escapar pelas mãos?

Papelim – Não. Fizemos um bom primeiro turno e em nenhum momento tivemos medo por um fracasso, principalmente pelo bom momento vivido pelo grupo, apesar do crescimento dos adversários durante a disputa do retorno. Nem mesmo durante a minha suspensão fiquei temeroso, pois o Vinícius esteve muito bem à beira do gramado comandando o time. Outro ponto importante foi a qualidade dos jogadores que entravam no time, não deixando o rendimento técnico e físico cair da equipe.



Papelim em ação com a camisa do Clube do Remo (PA) na década de 1990



ORB – O atual grupo do Rio Branco é forte e coeso para representar o Estado em uma competição nacional?

Papelim – Com certeza. Tenho confiança em todos os jogadores e tenho certeza que darão muita alegria ao futebol do Acre, principalmente pelo bom potencial de alguns jogadores e ainda pela chegada de alguns reforços, um deles, já confirmado que é o Babá.

ORB – Você afirmou antes da entrevista que será um estreia difícil. Por quê?

Papelim – Porque jogaremos fora de casa e sem conhecer muitos detalhes do adversário, mas estamos esperançoso na possibilidade de somarmos pontos para dar confiança ao grupo e trazer um grande público para nossa estreia em casa, dia 21 de setembro, no José de Melo, contra o Rio Negro (AM).

ORB – Fale um pouco quanto a reforços?

Papelim – Primeiros vamos dispensar alguns jogadores. Ben Jonson, Davi, Duarte, Cícero, Ricardinho, isso após 30 de julho, data que encerra o contrato desses jogadores. Daí em diante, contrataremos algumas peças para o time disputar a Terceirona.

ORB – Fora o Babá, quais os outros reforços?

Papelim – O atacante Sairo está bem perto de um acordo e acredito na possibilidade dele reforçar o time. Outro nome é o zagueiro Vanderson, de Porto Velho (RO), mas atualmente jogando no Maringá (PR). Segundo Dudu, é um defensor clássico e tem boas chances de acertar conosco. Quando ao volante Edson está faltando acertar a parte financeira.

ORB – Você, desde da disputa do Estadual, pede a contratação de mais um meia e com a saída de Marco Antonio do grupo é momento da aquisição chegar ao clube?

Papelim – Nosso vice-presidente, o Natal Xavier, está empenhado neste propósito e acredito na sua competência para conseguir fora do Acre um jogador de qualidade para nossa equipe.

ORB – Uma coisa é dirigir o Rio Branco em uma competição estadual e outra é dirigir um clube em um torneio nacional. Como você avalia a pergunta.

Papelim – Dirigir o Rio Branco FC sempre é uma missão de muita responsabilidade, imagine em uma competição nacional, onde a pressão por parte de todos é bem maior com equipes adversárias investindo alto para garantir uma vaga na Segunda Divisão. Porém, quero dizer ao torcedor que eu, como também o Vinícius, estamos preparados para mais este desafio, apesar da pouca experiência. Com o apoio do torcedor e da diretoria estou confiante em fazer uma boa campanha com o Rio Branco FC e divulgar bem o nome do Acre como também do nosso patrocinador no cenário nacional.

ORB – Muda alguma coisa no aspecto tático no torneio nacional (feijão com arroz do Papelim)?

Papelim – Para os jogos fora de casa mudarem sim. Jogaremos mais cautelosos. Não de forma retranqueira, usando o esquema 3-4-1 para conseguirmos beliscar alguns pontos e, assim decidirmos nossa classificação nos jogos de casa.

ORB – Como você avalia os adversários do Rio Branco FC na primeira fase da Série C?

Papelim – Fica difícil fazer uma análise profunda, mas estamos iniciando um trabalho de pesquisa na internet para acompanharmos quem é quem, apesar de sabermos da estrutura de cada clube: Nacional e Rio Negro-AM, CFA-RO, como

FOTO: ACERVO MANOEL FAÇANHA



Independência - Campeão acreano de 1998. Em pé, da esquerda para a direita: Klowsbey, Jairo, Jorge Cubu, Dedé, Getúlio, Tidalzinho, Redson, Assis e Nego. Agachados: Papelim, Tinda, Artemar, Marquinhos Paquito, Claudinho, Denis e Sérgio Cabeção



também do pensamento de cada um deles que é avançar na disputa da competição.

ORB – Para a Série C do Brasileirão, você vai editar uma cartilha de disciplina para os jogadores. Fale um pouco disso?

Papelim – Verdade. Não vamos admitir ato de indisciplina. Jogador vai ter que se comportar como profissional. Do contrário, serão punidos ou até mesmo afastados do grupo.

ORB – A editoria está aberta as suas considerações finais.

Papelim – Quero agradecer a você, Façanha, à diretoria do Rio Branco FC, por ela continuar acreditando no meu trabalho, como também a torcida estrelada. Espero ainda que a mídia, a torcida acreana estejam de mãos dadas para ajudar o Rio Branco FC a representar bem o Acre nesta Terceirona.

PERFIL

NOME: Flaviano Caruta Quintela

IDADE: 36 anos

CLUBES: Vasco da Gama-AC, sete anos, Independência FC, Rio Branco FC, AC Juventus e Atlético Acreano. Clube do Remo e Paysandu, ambos do Pará. São José e XV de Piracicaba (SP), além de uma passagem rápida pelo futebol chinês, mas resolvendo retorna ao Brasil

TÍTULOS ESTADUAIS: Clube do Remo (1991/1994); São José-AP (1993); AC Juventus (1995); Rio Branco FC (1997/2000); Independência FC (1998)

TÍTULOS NACIONAIS: Copa Norte (1997)

TÉCNICO: Rio Branco FC (bicampeão de profissionais 2002/2003) e equipe de juniores do Rio Branco, campeão 2001

PROFISSÃO: Funcionário público e técnico de futebol

CASADO: Udileuza Lima Quintela

FILHOS: Flávio e Neto

FOTO: ACERVO MANOEL FAÇANHA



Papelim e Nego erguem o último troféu de campeão do Independência, em 1998



(Publicado no jornal O Rio Branco - 25 de julho de 2003)



Testinha não desiste nunca

▲ Manoel Façanha

Recuperado de uma grave lesão, Testinha quer desequilibrar e levar o Rio Branco à Série B

Nem mesmo a grave lesão de rompimento total dos ligamentos cruzados do joelho esquerdo, seguido de uma astro fibrose, foi suficiente para o meia DJames Nascimento, o Testinha, hoje com 29 anos, desistir da carreira futebolística.



A grave lesão ocorreu nos primeiros anos de 2000, quando o jogador vestia a camisa do Coritiba-PR. Segundo ele, foram quase dois anos de angústia, afastado dos gramados. No entanto, a força de vontade e o apoio familiar deram força para a sua recuperação e volta aos gramados.

Hoje, de volta à cidade natal, Rio Branco, ele só pensa em ajudar o Estrelão a fazer uma grande campanha na disputa do Campeonato Brasileiro da Série C.

Com a carreira futebolística iniciada no próprio Rio Branco, ainda aos 16 anos, esse talento da bola, que surgiu nos campos de várzea da periferia da capital acreana, já chegou à Europa através do Oceano Atlântico para desfilar nos gramados lusitanos, antes de voltar ao Brasil e brilhar com as camisas do América-SP e Coritiba.

Faltando pouco menos de uma semana para a estreia do Rio Branco FC na disputa do Campeonato Brasileiro da Série C, a reportagem de *O Rio Branco* resolveu conversar com o craque para saber um pouco da carreira e sua expectativa para a disputa da Série C.

ORB - Como você surgiu para o futebol acreano?

DJ - Através das peladas no meu bairro [Cidade Nova]. Porém, certa vez, recebi o convite do Aguir, hoje advogado, para fazer um teste no Rio Branco. Topei na hora. Lá, quando cheguei, não foi preciso passar pela peneira, pois o professor Paulo Roberto, hoje auxiliar técnico do Rio Branco, já conhecia meu futebol.

ORB – Fale um pouco da trajetória da carreira?

DJ – Cheguei ao Rio Branco com 16 anos incompletos [1993] e minha ascensão no clube foi algo extraordinário. No primeiro ano consegui títulos no juvenil, juniores e ainda uma estreia na equipe de profissionais. No entanto, o ano de 1997 foi algo especial na minha carreira, quando cheguei a disputar as oitavas-de-final da Copa do Brasil e ganhar a Copa Norte.

FOTO: MANOEL FAÇANHA



O meia Testinha em ação pelo Campeonato Brasileiro da Série C de 2007





Neste ano, o meia Testinha vestiu pela primeira vez a camisa do Atlético Acreano



ORB – Isso foi suficiente para você se transferir para o futebol português?

DJ – Sim. Mas, outras coisas contribuíram para isso, entre elas, a indicação do Artur.

ORB – Porque você resolveu voltar para o Brasil, após vestir as camisas do Laça e Marítimo da Ilha da Madeira?

DJ – O primeiro ano foi considerado bom, mas a partir do segundo, as coisas não foram como eu planejei, e aí sentei com o meu empresário e voltei para o Brasil, onde disputei o Paulistão pelo América-SP.

ORB – Como foi sua transferência para o Coritiba-PR?

DJ – Fiz um bom Paulistão e aí surgiu a oportunidade de se transferir para o Coritiba. Lá disputei a Copa João Havelange de 2000. Logo depois, Os dirigentes resolveram prorrogar meu contrato por mais três anos.

ORB – Você vinha realizando boas partidas pelo Coxa, mas uma contusão, infelizmente, tirou você dos gramados. Fale disso?

DJ – Vinha ganhando a titularidade na equipe paranaense, mas uma grave contusão no meu joelho esquerdo [rompimento total do ligamento do cruzamento] foi algo que prejudicou e muito minha carreira. Entretanto, não posso ficar lamentando esses dois anos longe dos gramados, tenho que agradecer por está inteiro e pronto para ajudar o Rio Branco nesta disputa de Série C.

ORB – Recuperado da lesão você defendeu outros clubes. Quais?

DJ – No ano de 2005 tive uma passagem pelo Cianorte-PR, clube que disputei o Paranaense e a Copa do Brasil daquele ano. No ano passado, fui disputar o campeonato Alagoano pelo CSA.

ORB – Você acredita que recuperou o bom futebol que O levou para Europa e Coritiba?

DJ – Fiz um bom Estadual e os números não mentem [13 gols em sete jogos]. No entanto, ainda não estou na minha melhor condição física, algo que pretendo, durante a sequência de jogos, recuperar.

ORB – Você é um jogador experiente, é considerado o cérebro do time. Por isso, fale o que você espera desta Série C.

DJ – Não somente eu, mas o grupo do Rio Branco está preparado para enfrentar campos ruins, erros de arbitragem e outras dificuldades. Tenho colocado para o grupo que o importante é estar focado na competição, pois não será nada fácil conseguir uma vaga na disputa da próxima Série B.

ORB – O grupo do Rio Branco demonstrou que tem qualidade. A grande preocupação é saber se o grupo tem unidade. Como você avalia a afirmação?

DJ – Para conseguirmos sucesso, seja em qualquer profissão, é preciso unidade. Aqui no Rio Branco não é diferente, todos sabem da importância de estarmos juntos para conseguirmos nosso objetivo que é uma vaga na próxima Série B.

PERFIL

NOME: Djalma Nascimento Silva

NASCIMENTO: 27.12.1977

NATURALIDADE: Rio Branco-AC

PAIS: Eunice Nascimento
e Djalma Ferreira

ESPOSA: Marcela da Silva Araújo

FILHO: Jamenson Araújo da Silva

CLUBES: Rio Branco (AC), Lacerda (Portugal), Marítimo (Portugal), América-SP, Coritiba-PR, Cianorte-PR, CSA-AL

TÍTULOS: Coritiba - 2002 (Estadual), Rio Branco (AC) - 2007 (Estadual), Rio Branco (AC) -1997 (Copa Norte)



(Publicada no jornal O Rio Branco - 1º de julho de 2007)

Tangará: Um Craque No Estaleiro

***Jogador sofreu
com grave
problema nos
ligamentos do
tornozelo direito***

▲Manoel Façanha

Rápido, criativo e acostumado a visitar as redes, o atacante Edmilson Corrêa dos Santos, 28 anos, o Tangará, há cinco meses afastado dos gramados por um problema nos ligamentos do tornozelo direito, vive o pior momento de sua carreira, iniciada há 11 (onze) anos, em Marília (SP). Sentindo-se só e afastado do carinho da família, Tangará falou para a reportagem de O Rio Branco do atual momento, como também do nível técnico da temporada 2001 e a perspectiva de seu retorno ao futebol.

ORB - Tangará, sabemos que o momento não é apropriado, mas o que fazer daqui para frente para recuperar a autoestima e o bom futebol?

TANGARÁ - Primeiro é continuar trabalhando e não deixar o baixo astral dominar por total. E segundo, é seguir às determinações médicas para que haja uma recuperação por completo da lesão.

ORB - Fale um pouco de como aconteceu essa lesão e porque ela se agravou?

TANGARÁ - Aconteceu em Porto Velho (RO), na estreia do Rio Branco na V Copa Norte, quando fomos derrotados pelo Sports Genus, após uma dividida com um adversário. Porém, alguns dias depois, a equipe enfrentaria o Atlético de Roraima e, a pedido do presidente Sebastião Alencar, fomos para o sacrifício com o objetivo de vencermos o adversário para dar mais tranquilidade ao grupo. No entanto, a gravidade da lesão ocorreu no quarto jogo da equipe, em Boa Vista, diante do Atlético (RR), quando fui travado pelo adversário que atingiu em cheio meu tornozelo direito.

ORB - A torcida, em especial a estrelada, sentiu bastante sua falta, principalmente nos jogos decisivos. Como é ficar fora e assistir aos jogos das arquibancadas?

TANGARÁ - É ruim, principalmente para quem joga, mas vou às partidas e fico na expectativa de que a equipe estrelada venha a vencer seus adversários.

ORB - Você jogou no futebol paulista, mineiro, amazonense e rondoniense e, ano passado, teve a oportunidade de jogar no futebol acreano. Como você analisa a temporada 2001?

TANGARÁ - É inegável que houve um equilíbrio maior entre os participantes, mas a qualidade técnica das partidas foi inferior à última temporada.

ORB- Por quê?

TANGARÁ - O futebol brasileiro vem adotando esquemas táticos defensivos e priorizando ultimamente o futebol força e, consequentemente, a figura do craque é cada vez mais rara. Outro motivo é a curta pré-temporada dos clubes aqui no Acre, onde os treinadores têm dificuldades para trabalhar fundamentos e esquemas táticos. E, para finalizar, a curta duração da competição, que é de pouco mais de dois meses e ainda a falta de estrutura dos clubes.

ORB – Qual seria a saída para a melhoria do futebol acreano?

TANGARÁ - Seria necessário que os dirigentes refizessem um planejamento da estrutura do futebol acreano. Outra boa alternativa é a valorização das categorias inferiores e, claro, os clubes deveriam priorizar a boa base de suas equipes para futuras competições.

ORB - O que faltou ao Rio Branco em 2001 para reeditar o sucesso de 1997, quando venceu a Copa do Brasil?



Rio Branco - Campeão acreano de 2000. Em pé, da esquerda para a direita: Illimani Suares (técnico), Tidal (prep de goleiros), Sampaio, Romilton, Marcão, Sandro Goiano, Cairala, Nego, Papelim, Vinícius (preparador físico), Acosta, Sebastião Alencar (presidente) e Natal Xavier (diretor). Sentados: Marinho, João Paulo Quinari, Leli, Mundoca, Ricardinho, Leonardo, Tangará, Jota Maria, Moisés. No chão: Célio (roupeiro), Máximo, Miquinho, Marcelo Cabeção, Palmiro, Odinei, Edilio e Manoel (massagista)

TANGARÁ - É difícil responder, principalmente por não conhecer aquele grupo. Mas acredito que faltou mais cautela na hora de contratar e, infelizmente, alguns jogadores não corresponderam às expectativas e vieram os insucessos nas copas Norte e Brasil. Outro detalhe importante é que a diretoria do clube inconscientemente priorizou quantidade e menosprezou a qualidade.

ORB - Fale do grupo de 2001?

TANGARÁ - O grupo é bom, apenas não conseguiu assimilar um padrão tático definido pelo seu treinador, mas, até aqui, mereceu a vaga na final e a vantagem para o jogo decisivo do Estadual - sábado.

ORB- Seu contrato com o Rio Branco venceu no último dia 15 de julho?

TANGARÁ - Sim. Estou esperando somente o final da competição para voltar para minha cidade natal, Tangará da Serra, em Mato Grosso. Mas, antes, terei uma conversa com o presidente Sebastião de Melo Alencar e, na oportunidade, deixarei claro minha intenção de voltar a vestir a camisa do Estrelão.

ORB - Em suas andanças pelo futebol brasileiro apenas duas equipes lhes

pagaram em dia. Quais foram?

TANGARÁ - O Mogi-Mirim, equipe paulista da 1ª Divisão, onde disputei a temporada de 1998, e o Rio Branco, clube onde estou desde junho de 2000.

ORB - Ficando um longo período fora dos gramados, não será difícil conseguir um clube para atuar?

TANGARÁ - Não estou muito preocupado com esse detalhe, uma vez que fiz boas amizades por onde passei e sempre tive desempenho satisfatório nas equipes onde atuei e consequentemente deixei muitas portas abertas.

ORB- Você é um jogador bastante querido por todos do futebol acreano. Gostaria de agradecer o carinho?

TANGARÁ - Com certeza. Primeiro ao presidente Sebastião Alencar, pessoa que estimo, companheiros de clube, imprensa esportiva e os torcedores acreanos, em especial, aqueles do Rio Branco. Também gostaria de deixar claro que aqui no Acre fiz muitas amizades e, com certeza, sentirei bastante saudade.



Jogador inteligente, Tangará sempre fazia bons coletivos



PERFIL

NOME: Edmilson Corrêa dos Santos

IDADE: 28 anos

POSIÇÃO: Meia-atacante

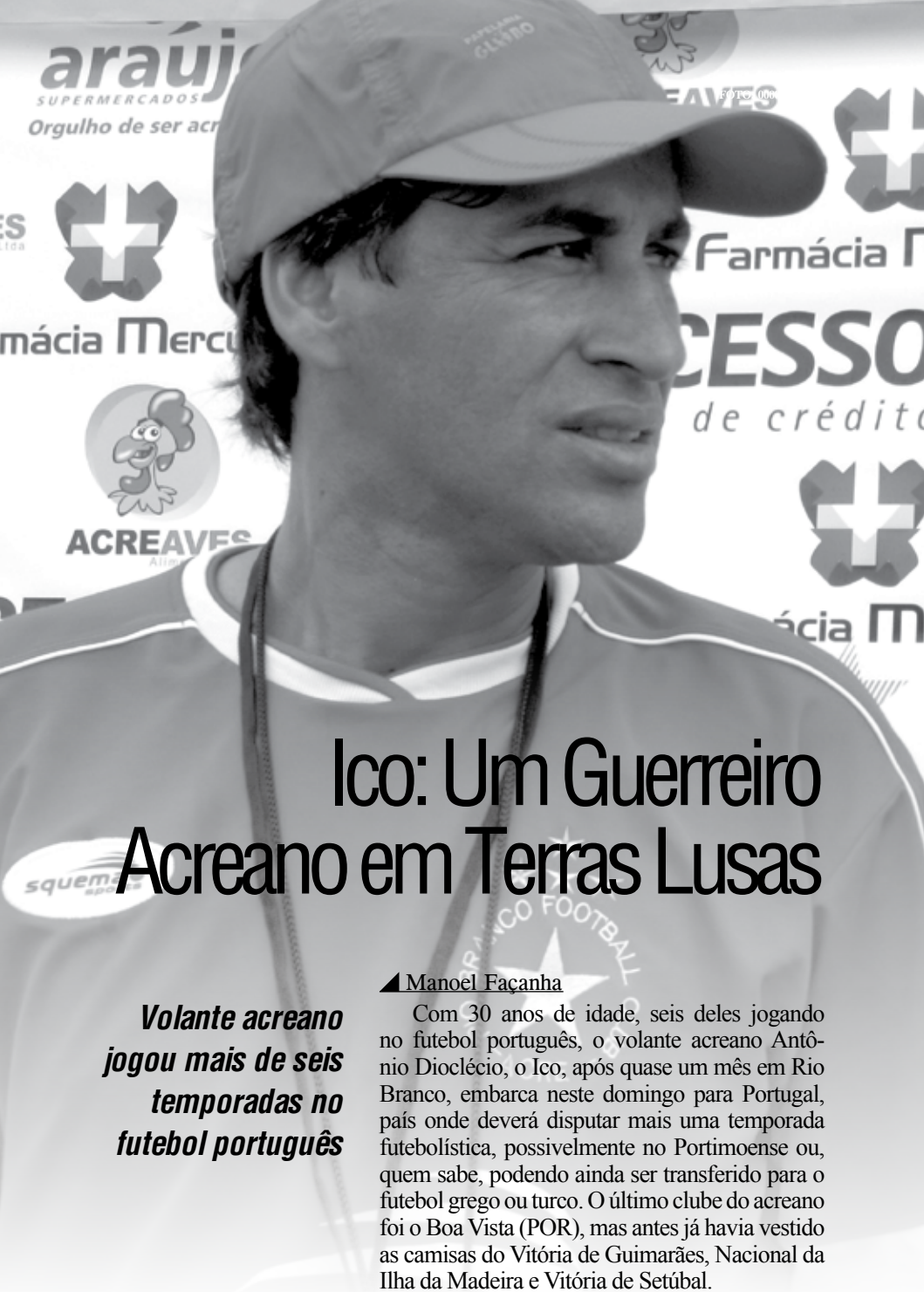
CLUBES: Marília - SP (1990-1994), Garça - SP e Taubaté - SP (1995), Ji-Paraná - RO (1996 a 1999), Baré - RR (1997), Montes Claro - MG (1998), Mogi-Mirim - SP (1998), Social - MG (1999 e 2000), Rio Negro - AM (2000) e Rio Branco - AC (2000 a 2001).



Na temporada de 2014 Tangará tornou-se treinador da equipe principal do Rio Branco F.C.



(Texto publicado no jornal O Rio Branco - 26 de julho de 2001)



Ico: Um Guerreiro Acreano em Terras Lusas

Volante acreano jogou mais de seis temporadas no futebol português

▲ Manoel Façanha

Com 30 anos de idade, seis deles jogando no futebol português, o volante acreano Antônio Dioclécio, o Ico, após quase um mês em Rio Branco, embarca neste domingo para Portugal, país onde deverá disputar mais uma temporada futebolística, possivelmente no Portimense ou, quem sabe, podendo ainda ser transferido para o futebol grego ou turco. O último clube do acreano foi o Boa Vista (POR), mas antes já havia vestido as camisas do Vitória de Guimarães, Nacional da Ilha da Madeira e Vitória de Setúbal.



Rio Branco - Campeão acreano de 1997. Em pé, da esquerda para a direita: Edvaldo, Gomes, Marcelão, Luís Carlos, Ico e Dênis. Agachados: Hélio, Venícius, André Paracatu, Biro-Biro e Palmiro



Feliz da vida, Ico concedeu durante a semana entrevista para *O Rio Branco* e para o programa *Diário do Esporte* (entrevista que será levada ao ar hoje a partir das 12h15), falando da nova vida espiritual, família e, claro, futebol.

O RIO BRANCO - Você (Ico), a princípio, quando adolescente, brilhou no voleibol, mas resolveu da noite para o dia trocar as mãos pelos pés e aos 18 anos já vestia a camisa do Rio Branco. Como foi essa experiência?

ICO - Boa (risos). Minha ida para o futebol aconteceu quando de um convite do professor Ilimani Suares para fazer parte da equipe de juniores do Rio Branco. Em seguida, fui profissionalizado, ganhando títulos pelo próprio Rio Branco e sendo transferido para o Atlético Clube Juventus durante a disputa da Copa do Brasil, em 1996, clube onde também fui campeão estadual.

ORB - Em 1997 veio mais uma Copa do Brasil, o retorno para o Rio Branco e ainda a transferência para o futebol português. Fale também disso.

ICO - Foi uma temporada brilhante para o Rio Branco e para mim, principalmente pela boa colocação do clube na Copa do Brasil (10º lugar) e ainda pelo título da Copa Norte. Quanto a transferência para o futebol português posso dizer que foi uma experiência, a princípio, difícil, mas prevaleceu a perseverança e hoje estou estabilizado dentro e fora de campo.

ORB - É verdade que você foi sondado por clubes brasileiros: Atlético/PR e Fluminense/RJ, mas preferiu ficar na Europa?



ICO - Houve apenas um contato informal por parte das duas agremiações, conforme informação do meu empresário.

ORB - Você, quando jogava no futebol acreano, tinha uma vida totalmente adversa de hoje. Salário bem inferior e vícios contrários à prática de futebol, por exemplo, a bebida. Mas, hoje, seu salário é algo que qualquer um acreano gostaria de ganhar e sua postura está voltada totalmente à família e à parte espiritual com Deus. Fale disso.

ICO - Passei por várias experiências e hoje posso afirmar que estou maduro para a vida e agradeço, primeiramente, a Deus por essa oportunidade, em especial por falar de seu amor para milhares de pessoas. Hoje, sou pastor da Comunidade Evangélica da Ilha da Madeira, em Portugal. Quanto a salário posso afirmar que estou com a independência financeira praticamente concluída.

ORB - Apesar de estar longe da terra natal, o Acre, você comentou que jamais deixará de amar suas origens. Verdade?

ICO - Sim. Verdade. Tenho carinho especial pelo Acre, pelos amigos e, claro, pela minha família que reside aqui.

ORB - Você era um dos milhares de garotos da periferia de Rio Branco que sonhava em ganhar a vida como o esporte e após quase 20 anos você conseguiu tal objetivo em uma profissão a qual toda criança gostaria de trabalhar. A pergunta é a seguinte: O esporte é um investimento viável para a transformação de uma pessoa em um cidadão de bem?

ICO - Sim. Através da prática esportiva passamos a conviver com educadores, profissionais esses que sempre levam uma palavra de ânimo e de orientação em nossas vidas. Por isso, acredito que o investimento no esporte é algo fundamental.

FOTO: MANOEL FAÇANHA



O técnico Ico na apresentação de reforços. Goleiro Vanderlei, Adem Araújo (vice-presidente) e Bruno Paiva (presidente) e o lateral esquerdo Xaro



(Texto publicado no jornal O Rio Branco - 10 de julho de 2003)

Pitiú: último ídolo do Tricolor

▲ Manoel Façanha

***Jogador é o último
craque formado
nas categorias
de base do
Independência***

Irineudo da Rocha, 35 anos, conhecido no mundo futebolístico pelo apelido de Pitiú é o que resta da última geração de ídolos do Independência FC.

Com a carreira iniciada no fim dos anos 80, na equipe de infantil do Andirá, clube que chegou a convite do Tenente Pessoa, da PMAC, Pitiú agradou a todos logo nos primeiros jogos. O treinador Aníbal Honorato não perdeu tempo e levou o jogador para o Marinho Monte, onde logo se tornaria ídolo da equipe de juniores e, posteriormente, passaria a brilhar com a camisa de profissionais.

O jogador revela que a primeira chance entre os profissionais surgiu com o professor té – o velho feiticeiro do futebol acreano. mas o atacante de 16 anos ficou apenas na suplência. Um ano depois, em 1989, com Aníbal Honorato na direção técnico do Tricolor, Pitiú então entrou em campo para disputar uma competição profissional. “Foi uma emoção muito grande, pois estava num grande clube e entre os melhores jogadores daquele tempo”, diz o atacante.

Na época de ídolo, o jogador lembra dos paparicos da torcida, não esquecendo da ala feminina, formada por Jóia, Lai Chaar, Deolinda e Creuza Rocha. “Era um tempo muito bom aquele. Nos, jogadores, éramos tidos como verdadeiros ídolos”.

O primeiro título da carreira veio com a camisa do Independência em 1993, após a perda do Estadual no ano anterior para o rival Rio Branco FC, num jogo de muita confusão e decidido somente nas penalidades.

O sucesso no futebol local nos primeiros anos da década de 90 levou a um período de quatro meses de testes no Santos FC, mas as negociações entre o clube e o presidente José Eugênio de Leão Braga não fluíram. O jogador teve que retornar para o Acre. Uma nova investida dos dirigentes santistas Ocorreu através de um convite para jogar um torneio na cidade de Londrina. Porém, uma

FOTO: MANOEL FAÇANHA



Independência - Vice campeão acreano 2006. Em pé, da esquerda para a direita: Tidalzinho, Gaúcho, Fabinho, Wesley, João Gomes, Duarte, Marcão e Valter. Agachados: Pitiú, Léo, Eduardo, Castanheira, Marcinho, Victor, Anderson, Nego e Biroasca



caxumba tirou o jogador do torneio. “Ali foi a gota D’água. Jamais tive uma outra oportunidade como àquela”, lamenta o atacante.

“DEUS MUDOU MINHA VIDA”, DIZ O ATLETA

Sem sorte para se transferir para um grande clube do Sul do País, Pitiú buscava alegria entre os amigos e as noitadas. “Era da noite. Gostava de bebê, assim como da mulherada, mas jamais usei drogas”, conta o jogador.

A vida agitada fora dos gramados e a queda de rendimento era preciso ser reavaliada para quem vivia no mundo futebolístico profissional. Então, segundo ele, veio o convite da esposa Jucineide para frequentar uma igreja evangélica. O jogador não apenas passou a frequentar os cultos religiosos, mas também a participar ativamente da vida da igreja. “Hoje sou outra pessoa e agradeço muito a Deus e a minha esposa Jucineide pela mudança de vida”.

O atacante também foi, ao lado Juscilane, Marquinhos Bombeiro e Carlos, um dos fundadores da ramificação nos atletas de cristo aqui no Acre.

Para o cronista esportivo Raimundo Fernandes, da Rádio Difusora Acre, Pitiú, mesmo quando era da noite, jamais descuidava da parte física. Outra

FOTO: ACERVO MANOEL FAÇANHA



característica do atleta, segundo Fernandes diz respeito ao trato com a imprensa, pois sempre foi de aceitar as críticas com naturalidade. Por fim, o cronista diz que Pitiú, apesar de ter jogado na grande maioria dos clubes acreanos, sempre teve uma afinidade muito grande com o Independência FC.

Para sobreviver, além do futebol e do futsal, Pitiú busca uma receita extra na iniciativa privada, onde toca uma lanchonete.

Na temporada 1998, o atacante Pitiú era uma das esperanças de gols do Rio Branco, mas o time perdeu o título para o Independência



FUTSAL

Não foi apenas no campo que Pitiú fez história. Dono de uma canhota habilidosa e chutes certeiros, fez parte das principais equipes do futsal local: AABB, Piauí, Igreja Batista do Bosque, Bem-te-vi, Pingo de Ouro e tantas outras.

FOTO: ACERVO MANOEL FAÇANHA



VOLTA REDONDA-1997. Da esquerda para a direita: Totonho, Ismael, Luís Carlos, Deise Leite, Armede, James, Rômulo e Maguila. Agachados: Pitiú, César Baiaco, Dênis e Emerson



PERFIL

NOME: Irineu da Rocha

POSIÇÃO: atacante

NASCIMENTO: 24.04.72 [35 anos]

CLUBES: Independência, Rio Branco, Juventus, Atlético, Adesg, Vasco da Gama e Andirá.

FOTO: MANOEL FAÇANHA



(Entrevista publicada no jornal O Rio Branco - 02 de março de 2008)

Ciro: o imperador da Fazendinha

▲ Manoel Façanha

***De volta ao Vasco,
craque revela que
o ex-meia Siqueira
foi seu ídolo no
futebol local***

Se o tricolor paulista tem seu imperador, porque não o Vasco do Acre? O meia **Ciro**, de 32 anos, quer repetir o bom campeonato estadual de 2001, quando foi o maestro da conquista vascaína daquele ano.

INÍCIO DA CARREIRA

O toque de bola refinado e o chute certo às redes adversárias durante a disputa da Copa Aviário de 1994 acabaram impressionando ao treinador Aníbal Honorato, então técnico do time de juniores do Independência FC, que não pensou duas vezes antes de formular o convite para o jogador se transferir para o Independência.

No mesmo ano, Ciro não apenas brilhou entre os juniores, mas também na equipe de profissionais. O jogo de estreia foi contra o modesto Andirá EC. “Para mim foi um momento muito especial, uma data que jamais esquecerei”, lembra com saudosismo o meia.

15º ESTADUAL

Preparado para disputar a 15ª temporada do profissionalismo, Ciro declarou que tem carinho especial pelo Independência, não apenas pelo fato de ter sido seu primeiro clube, mas pelo fato de ter sido o clube onde mais jogou profissionalmente. Porém, o meia revela que foi no Vasco da Gama onde viveu sua maior glória, o título de 2001.

Sempre muito honesto nas declarações, Ciro diz que não tem mágoa de ninguém ou ainda de qualquer clube, pois sempre fez boas amizades e tratou de agir da forma mais honesta possível durante a carreira. O jogador cita duas pessoas entre os dirigentes as quais sempre teve carinho especial: o saudoso Diogo Elias, ex-supervisor do Rio Branco FC, e o desportista Raimundo Ferreira. “Foram duas pessoas importantes na minha carreira, agradeço muito a Deus pela oportunidade de ter trabalhado com eles, pois sempre souberam respeitar e valorizar o meu trabalho”, diz o meia.

O ÍDOLO SIQUEIRA

Já dentro de campo, Ciro destaca outros dois nomes. O ídolo Siqueira e o

FOTO: MANOEL FAÇANHA



Na temporada 2005, Ciro era uma das apostas do Juventus





Vasco da Gama - campeão de 2001. Em pé, da esquerda para a direita, Serginho, Tucho, Jota Maria, Feijão, Evilásio, Ciro, Josué, Gato, Ferreira e Faísca. Sentados: Marcelo Altino (técnico), Raimundo Nonato (presidente), Raimundo Ferreira (diretor de futebol), Dário, Mamud, Siqueira, Paulinho, Cleiton, Marquinhos Calafate, Adécio (massagista). Agachados: Celsimar Maciel (preparador físico), Marquinhos Paquito, Gean, Celso, Leo (mascote) e Lobinho (mordomo)



Em 1999, Ciro (terceiro agachado) vestindo a camisa do Rio Branco

lateral direito Paquito. “Foram duas figuras as quais tive o maior prazer de ter trabalhado no futebol. O meia Siqueira, por exemplo, era o meu ídolo. Me espelhava muito nele, pois se tratava de um jogador refinado e de um profissional exemplar”, revela o meia.

AS DECEPÇÕES

Entre as decepções na carreira, Ciro diz que foram os inúmeros vices-campeonatos. Foi assim quando esteve por duas temporadas no Rio Branco, e outras tantas nas equipes do Independência FC e AC Juventus. Na carreira, Ciro ainda vestiu as camisas de Atlético Acreano e Andará EC.

MÉRITO DE MARCELO ALTINO

Casado com Maria Cristina, relacionamento do qual surgiu o filho Henrique, Ciro revela que até hoje recebe telefonemas de alguns torcedores tricolores solicitando seu retorno ao clube. O jogador diz que agradece o carinho dos admiradores de seu futebol, mas explica que tomou a decisão certa de voltar ao Vasco da Gama.

Entre os treinadores, ele não esquece do trabalho do professor Marcelo Altino, hoje no Plácido de Castro, pessoa que o considerou como peça importante

na histórica conquista do terceiro título estadual por parte dos vascaínos. “O professor Marcelo Altino é um treinador excepcional. Um homem que conhece do futebol e como ninguém sabe ganhar uma partida numa preleção de vestiário”, declara o jogador.

Com o curso técnico na área de enfermagem, Ciro, além de jogar profissionalmente, busca o complemento salarial na função de auxiliar de enfermagem da Fundacre.

FOTO: ACERVO MANOEL FAÇANHA



Na temporada 2006, Ciro retornou ao tricolor do Marinho Monte ▲

PERFIL

NOME: Ciro Matias de Araújo

IDADE: 32 anos (22/02/1976)

ALTURA: 1m75cm

PESO: 70kg

CLUBES: Independência, Rio Branco, Vasco da Gama, Atlético Acreano e Andará

ESTADO CIVIL: Casado

FILHO: Henrique

TÍTULO: Estadual 2001

(Texto publicado no jornal O Rio Branco - 16 de março de 2008)

Josy Braz busca seu espaço

O maestro sonha com uma chance no América/RN, mas não descarta uma volta para o Galo Carijó

▲ Manoel Façanha

Eleito disparado o melhor jogador do Campeonato Acreano/2012, o meia Josy, de 23 anos, vive a expectativa de ganhar uma chance na equipe do América/RN.

Com três semanas na equipe potiguar, Josy se diz à vontade e elogia a recepção. Um dos novos companheiros é o experiente goleiro Galatto, segundo o maestro, uma pessoa amiga. O referido atleta estava jogando no futebol búlgaro, onde fez amizade com o também acreano Doka Madureira.

Na busca por seu espaço numa das equipes que luta para retornar à elite do futebol nacional, o ex-maestro celeste garante que a disputa por uma vaga no time principal é dura e os coletivos são sempre bem disputados.

- Sempre eu e o Max participamos da segunda parte dos coletivos, pois estamos realizando um mini treino físico, antes de a bola rolar.

Porém, a luta por uma chance no time americano não será nada fácil para o maestro. Ele acredita que a oportunidade ainda pode pintar neste mês, mas alerta para a concorrência interna bastante forte.

- O clube tem bons jogadores para a minha posição, acho que isso dificulta a possibilidade de ganhar logo uma chance entre os titulares.

Caso essa oportunidade não venha com o tempo, o ex-maestro celeste fala até mesmo de um retorno ao Galo Carijó, mas deixa bem claro que somente se não houver mesmo uma oportunidade no clube potiguar.

FOTO: ACERVO JOSY BRAZ



Depois de três semanas de trabalho, Josy se diz à vontade no América/RN





O meia Josy durante coletivo no estádio José de Melo



- Olha, penso em crescer no futebol por aqui ou, quem sabe, em outro centro. Mas sabe lá se não posso retornar por empréstimo para ajudar o Galo na disputa da Série D. Tudo é possível - comenta o maestro.

Quando à participação do Atlético Acreano no torneio nacional, Josy explica que está na torcida, mas numa análise crítica, apesar do respeito à juventude do grupo, ele fala que são necessárias algumas contratações, principalmente de atletas experientes, onde cita o nome do atacante Marcelo Braz, hoje no futebol amapaense.

- Sei das dificuldades financeiras do clube, mas é preciso alguém com experiência para liderar essa juventude celeste, assim como alguns jogadores para suprir a ausência daqueles que deixaram a agremiação - comenta o meia Josy.

Na questão financeira, o meia Josy explica que o salário pago pelo clube potiguar é o dobro do que receberia para disputar a Série D com a camisa do Atlético Acreano, além de uma vitrine bem maior.

Em relação à felicidade, ele explica que está feliz, não totalmente, mas o momento na vida é muito bom, principalmente do ponto de vista profissional.

(Texto publicado jornal O Rio Branco - 12 de julho de 2012)



João Carlos Cavallo

▲ Manoel Façanha

***Com 39 vitórias,
11 empates e 15
derrotas, o treinador
fecha seu círculo no
Rio Branco***

Com um retrospecto de 40 vitórias, 13 empates, 15 derrotas e dois títulos estaduais, o técnico João Carlos Cavallo, 40 anos, não é mais o treinador do Rio Branco FC. Uma carta de renúncia ao cargo foi entregue na tarde de terça-feira à direção do alvirrubro.



Um dia depois da sua saída do clube, o treinador ligou para vários amigos da imprensa local para agradecer a confiança que cada um depositou no seu trabalho. O treinador elogiou o comportamento ético da imprensa local. A reportagem de O Rio Branco aproveitou o contato para desejar boa sorte e convidá-lo para uma entrevista, que prontamente foi aceita pelo treinador.

O bate-papo durou pouco mais de dez minutos e ocorreu à frente da galeria de lojas do estádio José de Melo, horas antes do embarque do treinador para a sua cidade natal [Manaus].

Ainda abatido pela eliminação do clube ao octogonal final do Campeonato Brasileiro da Série C - assim como todos os acreanos, o treinador durante a entrevista falou ora com tristeza e ora com entusiasmo e saudosismo, mas deixou claro que o Rio Branco e o futebol local, a partir de agora, terão uma grande oportunidade para crescer.

ORB – João Carlos, como você avalia a participação do Rio Branco na disputa da Série C deste ano?

João Carlos Cavallo – Quero dizer ao torcedor que a participação do Rio Branco na disputa do Campeonato Brasileiro da Série C deste ano foi algo maravilhoso para o despertar do futebol local. O governo se envolveu, a sociedade participou ativamente da vida futebolística [lotou o estádio Arena da Floresta], mas, infelizmente, não conseguimos nosso objetivo.

ORB – O que faltou para conquistamos a vaga?

JC – É difícil encontrar uma resposta. Os jogadores se empenharam e a torcida lotou o estádio para nos apoiar. O time criou as melhores oportunidades de gols no jogo decisivo contra o ABC, mas a bola não entrou. Futebol tem disso, mas ao analisar friamente, acredito que ansiedade e excesso de confiança por parte de todos, possam ter prejudicado um pouco o time.

ORB – Quais as lições que o Rio Branco pode tirar da eliminação?

JC – Acredito que o Rio Branco, assim como todos nós, possamos ter tirado boas lições da eliminação para o ABC-RN, pois numa competição como essa é preciso muita malandragem [referindo-se ao atraso proposital do jogo do Bahia x Fast Club – AM], algo que fez falta para nós.

ORB – Foram quatro temporadas aqui no Rio Branco. Fale um pouco disso.

JC – Quero dizer que neste período conquistei grandes amizades. Levo boas lembranças desta terra, que apreendi a respeitar e a gostar. Além disso tudo, tenho uma filha acreana e sempre que eu olhar para ela estarei lembrando de todos vocês e dos momentos maravilhosos que passei aqui [fala com emoção].

ORB – Para o torcedor você deixa alguma mensagem?

JC – Sim. Pra torcida deixo um grande abraço de gratidão, amizade e carinho. Jamais posso esquecer da cordialidade do torcedor acreano.

ORB – Aos jogadores e direção do clube vocês tem algo a dizer?

JC - Claro! Para meus jogadores quero agradecer o empenho de cada um deles, pois foram comprometidos com o objetivo do clube, jamais fugindo da responsabilidade. Foram homens e merecem respeito de todos vocês [imprensa, torcida e diretores]. Quanto aos diretores quero deixar claro que não levo mágoa de nenhum deles. Pelo contrário, tenho carinho e amizade por todos, pois sempre fui muito bem tratado. Ao presidente Natal Xavier quero deixar o meu muito obrigado pela confiança depositada no meu trabalho, assim como dos demais diretores: Louro, Macedo, Alcimar, Zé Luiz, Bruno Paiva, Evaldo e os demais. Também agradeço o trabalho desenvolvido pela comissão técnica: Selcimar Maciel, Norge Romero, Manoel, Célio e o Dorielson.

ORB – Em relação à imprensa, você tem algum comentário?

JC – Quero dizer que admiro o trabalho realizado pela imprensa acreana. Um setor onde fiz boas amizades, que respeitei e fui respeitado, independente do ponto de vista de cada órgão sobre o trabalho desenvolvido por minha pessoa no Rio Branco. Também quero dizer que apreendi com as críticas, pois o papel da imprensa não é o de apenas elogiar, mas sim o de contribuir com críticas construtivas, para o bem do futebol local. A todos deixo o meu abraço fraterno.

ORB – Você acredita que um dia voltará a comandar o Rio Branco?

JC – Se for da vontade de Deus espero que sim, mas entendo que o momento é de renovação. Entretanto, onde eu estiver, estarei torcendo pelo sucesso do clube, pois parte da minha história já pertence ao Rio Branco. Quero aproveitar o momento para afirmar que o futebol aqui no Acre vai evoluir e, vai evoluir bastante.

ORB – Qual o destino do João Carlos Cavallo?

JC – Primeiro, ficar um pouco com minha família para decidir o meu futuro, que pode ser o de trabalhar à frente da Ulbra, de Ji-Paraná (RO), pois o Zé Luís, presidente da agremiação, já oficializou o interesse de contar com os meus serviços. Também posso ficar no futebol amazonense, pois existem comentários a respeito do interesse do Fast Club e do Nacional.

RETROSPECTO

Se no país do futebol resultado é o que interessa, a reportagem de *O Rio Branco* mergulhou nos números para conhecer o retrospecto do treinador João Carlos Cavallo no comando do Rio Branco. Veja os números:

RETROSPECTO

Se no país do futebol resultado é o que interessa, a reportagem de *O Rio Branco* mergulhou nos números para conhecer o retrospecto do treinador João Carlos Cavallo no comando do Rio Branco FC. **Veja os números:**

SÉRIE C

J	V	E	D	GP	GC	SG
05	12	05	08	47	32	15

ESTADUAL

J	V	E	D	GP	GC	SG
07	26	06	05	90	31	59

COPA DO BRASIL

J	V	E	D	GP	GC	SG
02	00	00	02	01	05	-04

AMISTOSO

J	V	E	D	GP	GC	SG
01	01	00	00	02	01	+1

TOTAL GERAL

J	V	E	D	GP	GC	SG
05	39	11	15	140	71	+69

1) TOTAL DE JOGOS V, EMPATE E DERROTA. 2) SOMA DE GOLS MARCADOS, GOLS SOFRIDOS, GOLS MARCADOS, GOLS SOFRIDOS, GOLS MARCADOS, GOLS SOFRIDOS.



(Texto publicado no jornal *O Rio Branco* - 12 de outubro de 2007)

Futebol na terra de Chico Mendes

***No Acreano 2008,
a média de público
do primeiro
turno foi de 1 mil
pagantes por jogo***

▲ Augusto Diniz, de Rio Branco (AC)

Os times de futebol do Acre são pouco conhecidos pelos fãs do esporte no Brasil. Mas os jogadores levam o futebol a sério e tentam transformar o esporte em profissão, apesar das dificuldades financeiras e estruturais.

No time Independência, vales-transporte são distribuídos para os jogadores logo após os treinos. “Aqui funciona desse jeito. Eles recebem pouco e precisam do benefício para retornar aos seus lares”, explica Bujica, auxiliar-técnico da equipe da cidade de Rio Branco e ex-jogador, que chegou a atuar ao lado de Zico no Flamengo.

No último jogo do primeiro turno do campeonato, um gol no adversário valia R\$ 50 para cada jogador do Independência, promessa de Silvano Santiago, que administra atualmente o clube. Mas mesmo com as dificuldades do time, a prática é condenada pelo auxiliar-técnico e não surtiu efeito. O Independência perdeu de 2 a 1 para o Juventus, outra tradicional equipe da capital acreana. O jogo foi no estádio Arena da Floresta, inaugurado no final de 2006, que tem capacidade para quase 15 mil pessoas.

No Acreano 2008, a média de público do primeiro turno foi de 1 mil pagantes por jogo. A partida que mais teve espectadores envolveu os times do Náuas e do Independência, com cerca de 3,5 mil pagantes e renda de R\$ 19 mil. O jogo aconteceu no estádio do Totão, em Mâncio Lima. É lá que o Náuas, estreante na competição, realiza suas partidas. Só que para o visitante chegar ao local, é necessário pegar um avião. A única estrada que liga a capital à região é trafegável somente entre junho e outubro.

SÉRIE C DO BRASILEIRO

Outro time do interior que participa pela primeira vez do campeonato estadual de futebol profissional do Acre é o Plácido de Castro, mesmo nome da cidade em que está sediado. O município fica a cerca de 100 km de Rio Branco,

FOTO: MANOEL FACANHA



Marcelo Altino dirigiu o Rio Branco na sua maior glória



na fronteira com a Bolívia.

A equipe é dirigida pelo técnico Marcelo Altino. Ele comandou o Rio Branco, time local mais conhecido no País, na maior glória do futebol acreano: a conquista da Copa Norte, em 1997.

Para Altino, que já passou por quase todas as equipes do Acre e ainda treinou times no Peru e na Bolívia, a boa campanha do Rio Branco na Série C do Campeonato Brasileiro no ano passado e a inauguração do estádio Arena da Floresta deram impulso ao futebol do estado.

ATRASO DE SALÁRIOS

A equipe da Adesg, que fica sediada em Senador Guiomard, cidade vizinha a Rio Branco, depois de sua participação no primeiro turno, não treinava há quase duas semanas devido a atrasos de salários de jogadores e comissão técnica. Classificado para o segundo turno do campeonato acreano, o time, com folha de pagamento de R\$ 20 mil, estava com o dinheiro concedido pelo governo do Estado retido na Justiça do Trabalho devido a processos de ex-atletas.

O Rio Branco é, de longe, o clube de futebol mais bem estruturado do Acre. Sua folha de pagamento chega a R\$ 60 mil. O salário médio do jogador do Estrelão - como é chamado o Rio Branco - é de R\$ 2,5 mil, o dobro do que é pago pelos outros times aos seus atletas. O Rio Branco, por

FOTO: MANOEL FAÇANHA



Independência se mantém como importante clube acreano, mas está na segunda divisão



ter conquistado o primeiro turno do Acreano 2008, disputa a Série C do Campeonato Brasileiro deste ano. Em fevereiro, a equipe participou da Copa do Brasil, mas caiu diante do Botafogo na primeira fase.

COPA 2014

Alguns torcedores do Acre também torcem por times de outros Estados, mas a maioria prefere mesmo as equipes locais. É o caso do cearense José Idalécio Cruz, 64 anos, que há 44 anos mora no Acre. Ele torcia para o Vasco, do Rio de Janeiro. Quando chegou ao Acre, se apaixonou pelo Vasco, de Rio Branco, clube criado com as mesmas cores e símbolo do carioca. O último título estadual da equipe, em 2001, foi uma glória para o militar aposentado. “Passei mal no estádio de tanto esforço que fiz. Quase morri no último jogo”, lembra Idalécio, que percorreu o gramado de joelhos, aos prantos, com a bandeira do clube, após a conquista.

Enquanto isso, na cidade de Porto Acre, pouco mais de meia hora de carro da capital Rio Branco, deu para ver bem a dimensão do interesse dos acreanos pelo futebol do sul. Das ruas, era possível verificar nas casas que todos estavam sintonizados na televisão no jogo de Flamengo e Grêmio, pelo Campeonato Brasileiro.

Porto Acre não tem posto de gasolina e telefone celular não dá sinal. Na outra margem do rio, que passa ao lado da vila, a Floresta Amazônica predomina de forma majestosa e bela. É com esse apelo indiscutível que o estado pleiteia ser uma das sub-sedes da Copa de 2014.



Mesmo com baixos salários, jogadores apostam no crescimento, como é o caso de Marcelo Cabeção



(Publicada originalmente no portal Terra - maio de 2008)

Illimani Suares

▲ Augusto Diniz, de Rio Claro (SP)

***Clube de aluguel
é tiro no escuro,
diz treinador***

O técnico do Juventus, Illimani Suares, está se despedindo de sua quarta Copa São Paulo de Futebol Júnior, depois de duas derrotas de seu time: 1 a 0 para o Rio Claro, e 10 a 0 para o São Paulo - antes dessa acachapante goleada, Illimani havia lembrado uma declaração de Muricy Ramalho, na qual apontava a equipe de juniores do São Paulo como a melhor geração já reunida pelo clube nos últimos anos.



O técnico já esteve participando várias vezes da Copa São Paulo



Illimani se ressentido de não ter conseguido colocar uma equipe acreana na segunda fase da competição, mas justifica a falta de intercâmbio entre os times do Acre com outras regiões do País para não alcançar este objetivo. Segundo ele, isso é importante, pois se ganha experiência.

Para o técnico do Juventus, o uso por alguns empresários de clubes para apresentar seus jogadores de futebol é um “tiro no escuro”.

Conhecidos como clubes de aluguel, o Rio Claro, do mesmo grupo da equipe acreana, é um exemplo. Nenhum jogador da equipe local é da cidade, alguns são de outros estados e existe até um jogador do Exterior, o Geraldo, que é de Angola e já atuou na seleção sub-17 de seu país.

Antes de voltar ao Acre e fazer o último jogo do torneio contra o Ceará no sábado (10/1), Illimani Soares concedeu a seguinte entrevista:

Qual a sua avaliação da Copa São Paulo de Futebol Júnior este ano?

A federação paulista de futebol e as prefeituras municipais procuram cada vez mais enobrecer a competição. A gente percebe a importância que eles dão, como no caso aqui em Rio Claro. Para mim, o torneio é uma oportunidade de crescer, progredir, abrir novos horizontes não só no futebol, mas na minha vida particular. Infelizmente, para o futebol do Acre torna-se difícil porque se trata da única competição que participamos. Acabamos não ganhando experiência. Por isso, os nossos jogadores não conseguem despontar o futebol que tem. Fica intimidado, amedrontado. Mas isso, acontece devido à falta de intercâmbio.





FOTO: MANOEL FAÇANHA

Falta de intercâmbio dificulta participação do Acre em competições



Como o sr. vê a atuação de empresários, empresas e clubes de aluguel na competição?

Quando eles pegam um clube para servir de aluguel, aqueles que estão lá não são remanescentes da equipe, mas sim atletas que eles trazem de vários estados, e até mesmo do futebol de várzea. São atletas que eles apostam, investem, mas muitas vezes é um tiro no escuro. Acredito no trabalho de base feito dentro de um clube. Aquele clube que tem sub-13, sub-15, sub-18. Agora, clube de aluguel, sem desmerecer ninguém, é uma dúvida.

O que pensa da Copa São Paulo voltada para exposição de atletas e até venda para o exterior de jogadores?

Eu acho que para os empresários que usam nomes de clubes, para eles é um trampolim de negócios. Já para aqueles clubes que tem responsabilidade de formar o atleta desde novo, continuar dentro do plantel e levar até o profissional, penso que seja a política mais acertada.

Como foi a participação do Acre no torneio?

Infelizmente, ficamos ressentidos de não classificar o Acre para a segunda fase do torneio. Pela quarta vez que participamos, achamos que adquirimos experiência, mas não em todos os setores do futebol. A gente precisa de ligações com outros centros para fazer intercâmbio.

(Publicado no jornal O Rio Branco - 08 de janeiro de 2009)

Weverton

***“Barcelusa” faz
goleiro sonhar
com maior
projeção***

▲ Augusto Diniz, de São Paulo (SP)

A excelente campanha da Portuguesa na Série B do Campeonato Brasileiro fez o time acreditar que tem condições de disputar o título do Campeonato Paulista em 2012, e também de fazer uma boa campanha na Série A do Brasileiro. Não à toa que o técnico Jorginho marcou a reapresentação dos jogadores após as férias para o dia 26 de dezembro, antes da virada do ano, para se preparar para a nova temporada.



O goleiro com a fiel escudeira, Dona Josefa



Por conta disso, o goleiro Weverton vai ter que antecipar a volta de Rio Branco (AC) para São Paulo. Trata-se de mais um esforço para abrir caminho para até uma provável projeção internacional. “O Jorginho é muito exigente. Cobra muito, mas motiva bastante”, afirma ele. Mas ressalta, por outro lado: “Ano que vem poderá ser um ano de ganho de visibilidade por conta desse bom momento”.

De fato, a Portuguesa vive um período de euforia. O clube chegou a ser apelidado de “Barcelusa”, em uma referência ao Barcelona devido à forma de jogar, aos números de gols marcados este ano, a série invicta de partidas e as goleadas. Segundo o acriano Weverton, havia uma vontade grande dos jogadores mostrarem seu valor.

“Ano passado tinha na equipe algumas estrelas do futebol. Este ano foi diferente. Todo mundo estava querendo abrir espaço, se valorizar”, explica. Foi este espírito que o goleiro titular da Lusa acredita que ajudou o time a voltar à elite do futebol Brasileiro e levar o título da Série B com antecedência – a Portuguesa fez o último jogo da competição neste sábado, contra o Icasa, em Juazeiro do Norte (CE).

Há 38 anos que a Lusa não ganhava um título. A pequena mas exigente torcida do clube chegou a deixar as faixas de cabeça para baixo em protesto contra a presença da equipe na Série B. “Jogar no Canindé era difícil por conta dessa pressão”, lembra.

De novo o técnico Jorginho ganha os louros do sucesso. Foi ele quem montou a equipe hoje campeã, ainda no meio do Campeonato Paulista no início do ano, conseguindo inclusive a classificação do time para a fase de mata-mata da competição. “Ele valorizou os jogadores e em pouco tempo conquistou a todos no clube”, revela Weverton. Além disso, Jorginho fez questão de conversar com os torcedores para pedir apoio à equipe. “O foco era subir. Fazíamos as contas. Depois, descobrimos que estávamos fazendo mais”, menciona.

Na Série B do Campeonato Brasileiro de 2010, o goleiro acriano então recém-chegado a Portuguesa, imaginou que este ano estaria disputando a competição entre os grandes. Fez até promessa que caso chegasse lá daria volta olímpica empunhando a bandeira do Acre. Porém, no fim, a equipe não conseguiu a sonhada vaga, ficando um ponto do último classificado, o América-MG.

Agora, a bandeira está devidamente guardada em casa como lembrança da promessa cumprida após a Portuguesa voltar à elite. “Tudo que estava sonhando ano passado se realizou este ano”, ressalta. Feliz, disse que não levará a portentosa bandeira para o Acre, onde desembarca nesta terça-feira (29/11) para as merecidas férias. “Providenciarei outra para quem me trouxe esta”, expõe, sem revelar exatamente quem, embora deixasse escapar que se trata de uma acriana.



Campeão da Série B pela Portuguesa
o fez sonhar por novos saltos



AVÔ OLAVO

Na bandeira, Weverton mostra o amor pela família. Está escrito lá o nome da mãe (Dona Josefa), os irmãos (Welyton e Viviane) e do sobrinho (Júnior) como consideração pelo apoio dado desde a época em que jogava no time de base do Juventus acriano e depois do Corinthians.

O nome do avô Olavo, 86 anos, não aparece na bandeira. Mas o agora bem sucedido goleiro não esconde a devoção por ele. Com certeza será o mais emocionante abraço quando desembarcar em Rio Branco. “Ele substituiu meu pai que faleceu quando eu era garoto. Ele chora todo dia. Só vendo a cara dele quando chegar à cidade”, prevê. A irmã Viviane será outra que terá a oportunidade de abraçar o goleiro com emoção pela primeira vez após a bem sucedida temporada – a mãe, o irmão Welyton e o sobrinho Júnior vivem com o atleta em São Paulo, em um apartamento no bairro de Vila Carrão. O ilustre acriano foi a última vez ao Acre em maio, onde passou poucos dias. Agora, tem um mês para curtir sua terra natal.

“Não tenho orgulho do atleta, tenho do meu filho. O respeito e o carinho dele com a família. O sonho dele se realizando. A gente está feliz com o sorriso dele”, declama Dona Josefa, com olhos cheios d’água.

ANTIBALADEIRO

O goleiro Weverton é tranquilo e passa a maior do tempo na internet, quando está de folga. Tem Twitter (com cerca de 1 mil seguidores), Facebook (onde é mais ativo e responde a comentários de internautas) e Orkut. Já adotou o *tablet* como amigo insepa-

FOTO: MANOEL FAÇANHA



O goleiro Weverton ainda jovem treinando entre os titulares do Juventus em 2004

rável no acesso à rede social.

O jogador não é exigente quando come. Ovo frito mexido é um dos pratos favoritos. Pão com manteiga à noite já é suficiente, mesmo com a mãe ao lado para fazer tudo que quiser comer.

Weverton não aparenta o deslumbramento típico de jogadores da idade (23 anos) e da posição dele no futebol. Tem ainda a mãe como a fiel escudeira nas horas difíceis e também nas melhores. Não apresenta ostentação.

O único fato que lembra jogador de futebol hoje quando alcança certa expressão é o corte de cabelo, no estilo moicano muito bem penteado. O resto, não é frequentador da inquieta noite paulistana nem das badalações extracampo. “O pessoal já sabe quem são os jogadores mais quietos e os que gostam da farra. Nem me chamam quando a festa é mais agitada...”, revela.

Com contrato até maio de 2012, espera chegar à época para decidir o que fazer. Weverton não descarta ir para o Exterior, embora acredite que em 2012 seja o momento de se firmar na primeira linha de jogadores do futebol brasileiro.

Sobre o futebol do Acre, lamenta o fato do Rio Branco não ter conseguido, mais uma vez, a classificação à Série B. “Quando chega à fase decisiva, o time não anda”, afirma Weverton, que costuma acompanhar o futebol acriano pela internet. “Se tivesse sucesso, muito mais jogadores do Acre estariam atuando em times grandes pelo Brasil”, lamenta.

FOTO: GAZETA ESPORTIVA



Weverton hoje é titular no Atlético-PR



(Publicada na jornal O Rio Branco - 27 de novembro de 2011)



Ancelmo

***Jogador aposta
na temporada
longa para se
firmar no Guarani***

▲ Augusto Diniz, de Campinas (SP)

O meia-atacante Ancelmo aposta nos muitos jogos da Série B do Campeonato Brasileiro para conquistar seu espaço no novo clube, o Guarani. A partir de 20 de maio, quando começa a Segundona, o Bugre tem 38 partidas para tentar voltar à elite do futebol nacional.

“O Brasileiro possui muitas partidas. É daí que eu quero agarrar a oportunidade”, revela Ancelmo, 21 anos, contratado pela equipe campineira depois das boas atuações pelo Rio Branco-AC contra o Atlético-PR, pela primeira fase da Copa do Brasil deste ano.

Depois de pouco mais de um mês morando em Campinas, a cerca de 80 quilômetros da capital São Paulo, disse que na primeira semana foi difícil, mas que agora já se acostumou. “Senti o forte trabalho físico junto com a nova convivência. Agora está tudo bem”, afirma. O clima às vezes frio, principalmente durante a noite, na cidade do interior paulista, também foi sentido.

Ancelmo chegou numa fase boa do Guarani. O time conseguiu seu retorno para a divisão principal do Campeonato Paulista em abril, após ter caído no ano passado. “Um clube como esse tem que estar na elite”, ressalta.

Agora, a equipe faz os preparativos para estreiar na Série B, contra o Criciúma, em Santa Catarina. Com as mudanças no time entre uma competição e outra, o meia-atacante confia que uma boa chance pode aparecer. “Não dá ainda para saber como ficará o grupo, mas irão mexer no time”, avalia.

O acriano jogou no seu novo estado pela primeira vez na Copa São Paulo de Futebol Júnior de 2009, pelo Juventus-AC. As lembranças não são das melhores, pois o time perdeu as três partidas que fez.

Ano passado, atuou pelo profissional do Rio Branco-AC, se firmando como titular nas últimas partidas da Série C do Campeonato Brasileiro. Este ano, só fez um jogo pelo estadual acriano. Depois disso, rescindiu seu contrato com o clube da capital do Acre e assinou até maio de 2014 com o Guarani, ganhando um salário duas vezes maior.

FOTO: ACERVO ANCELMO



Antes de ir para o Exterior, o atleta teve passagem pelo Guarani de Campinas



FOTO: MANOEL FAÇANHA



O Acreano
Ancelmo
no início
a carreira
na base do
Junventus

FOTO: MANOEL FAÇANHA



Ancelmo
brilhou na
equipe do
Rio Branco

O ACRE E OS AMIGOS

“Recebi o carinho dos amigos nessa mudança. Fiquei feliz indo para o cenário nacional do futebol”, exprime. Segundo ele, o time do “Rio Branco-AC ficou pequeno, mas torço para que suba (da Série C para a B)”. O seu ex-técnico Tiago Nunes é um dos que agradece por ter chegado à equipe grande do futebol. Branco, treinador da escolinha do Calafate, na capital acriana, é outro que expressa gratidão pelo incentivo em jogar bola no passado.

O jogador informou que em breve mudará para um apartamento próximo ao estádio Brinco de Ouro da Princesa, centro de treinamento do Guarani e local do alojamento onde mora hoje.

O atleta diz que o que mais sente falta em Campinas é da família e dos amigos. Os pais, as duas irmãs e os cunhados são os grandes incentivadores do meia-atacante.

“As dificuldades maiores de atuar no Acre são a distância e a estrutura”, resume Ancelmo, embora acredite que o futebol esteja “se estabilizando” no Estado, principalmente depois da inauguração do estádio Arena da Floresta. “A dica é não desistir, mesmo estando longe, porque tem sempre alguém olhando”, argumenta.

O jovem já percebeu que a pressão e a cobrança serão maiores no Guarani. Mas isso não o amedronta. “Os torcedores acrianos podem ter certeza que vou representar bem o estado. Pensarei em todos que torcem por mim”, finaliza.

FOTO: ARQUIVO ANCELMO



Atualmente,
Ancelmo joga
no Boavista,
de Portugal

(Publicado no jornal O Rio Branco - 11 de maio de 2011)

Álvaro Miguéis

***Técnico critica
preparação para
a Copinha***

▲ Augusto Diniz, de São Carlos (SP)

O comandante da equipe do Atlético Acreano na Copa São Paulo de Futebol Júnior 2011, fez críticas ao que considera ser o maior empecilho aos times do Acre que disputam a competição: o preparo físico.

“Temos excelentes profissionais na área, mas falta condição financeira para dar porte físico aos nossos atletas. No período de preparação, não fomos um dia na academia. Isso faz diferença”, explica o técnico do Atlético Acreano, Álvaro Miguéis.

De acordo com ele, jogadores de outras regiões costumam ter mais massa muscular, o que facilita na hora de disputar divididas e até mesmo para correr. “Nessa idade, ter porte físico é fundamental para vencer”, argumenta.

No primeiro jogo do time na Copinha, contra o São Carlos – 1 a 0 para a equipe da casa –, era realmente visível a diferença física entre ambos times.

Atlético Acreano enfrenta neste domingo o Santos (que empatou no primeiro jogo contra o Confiança-SE por 2 a 2), uma das poucas equipes do país com ótima infraestrutura para treinos dos times de base, inclusive para preparação física. “O time santista é um exemplo, obtendo bons resultados dentro e fora de campo”, afirma.

TÁTICA

Álvaro Miguéis, porém, ressalta a habilidade dos acreanos. Habilidade esta, no entanto, que não deve ser motivo para não se aprofundar em táticas de jogo. Ele mesmo é um adepto fervoroso disso.

“Taticamente os europeus estão bem à frente dos brasileiros. Tanto que quando nossos técnicos vão para lá não dão certo”, avalia. Para apurar tática de jogo, Miguéis chega a ficar 23 horas em um fim de semana assistindo partidas de futebol, em sua maioria entre equipes europeias.

Estudioso do futebol, o comandante do Atlético Acreano avalia que a nova geração de técnicos brasileiros tem adquirido mais conhecimento tático baseado na escola europeia.

FOTO: ACERVO ÁLVARO MIGUÉIS



Rio Branco - 1983. Em pé, da esquerda para a direita: Bolinha, Paulo Henrique (encoberto), Paulo Roberto, Marcos, Neórico, Chicão, Klowsebey e Mauricinho. Agachados: Álvaro Miguéis, Julinho, Mari-ceudo, Carioca, Gil e Neivo



"JAU"

FOTO: ACERVO MANOEL FAÇANHA



Miguéis é adepto da forma antiga do Brasil jogar, sempre atacando. “Não costumo falar de esquema de time que treino. Porém, prefiro jogar sempre com três atacantes”, diz. Segundo ele, só o espanhol Barcelona pratica esse tipo de jogo hoje.

COPINHA COMO MERCADO

O acriano critica também o fato de estrelas do futebol estarem voltando ao país para atuar, sem cumprir seus contratos com as equipes que o contrataram no exterior. “Isso pode fechar as portas do mercado brasileiro no futuro”.

Com relação à fadada questão da Copinha ser usada como instrumento de promoção de jogadores para possível negociação, Álvaro Miguéis ressalta que o importante é o clube ter atleta para negociar para gerar receita e também para atuar no time principal.

Assim, o técnico acriano corrobora com dirigentes da Federação Paulista de Futebol, que no coquetel de recepção das delegações que disputam a Copinha em São Carlos, ressaltaram em voz alta e bom som que a proposta da competição é lançar jogadores para o mercado.

Um dos mais bem sucedidos técnicos do futebol acriano nos últimos anos, com vários títulos em categorias de base com o Rio Branco e o Atlético Acreano, Álvaro Miguéis diz que somente em 2012 se aventurará em treinar uma equipe profissional. A última vez que integrou um time principal foi há cerca de 25 anos, como jogador.

Aos 46 anos, afirma que já recebeu proposta para dirigir time de futebol em São Paulo, apesar de ter apenas três anos de experiência na função. Se conseguir levar o Atlético Acreano para outra fase da Copa São Paulo de Futebol Júnior, é bem provável que outros convites cheguem.

FOTO: AUGUSTO DINIZ



O técnico trabalhou com equipe júnior do Atlético Acreano



(Publicado no jornal O Rio Branco - 8 de janeiro de 2011)

APOIO

